

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL,  
SAÚDE E COMUNICAÇÃO HUMANA  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELIZA SANT'ANA HAUSCHILD

**ASSUMINDO A CILADA COMO TERRITÓRIO-EXISTENCIAL:**  
Experimentações fabulativas para *ficar com o problema*  
do paradigma da diferença sexual

PORTO ALEGRE  
2024

Eliza Sant'Ana Hauschild

**ASSUMINDO A CILADA COMO TERRITÓRIO-EXISTENCIAL:**

Experimentações fabulativas para *ficar com o problema*  
do paradigma da diferença sexual

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel em  
Psicologia na Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Sandrine  
Machado

Coorientadora: Me. Amanda de Almeida  
Schiavon

Porto Alegre, RS

2024

Eliza Sant'Ana Hauschild

**ASSUMINDO A CILADA COMO TERRITÓRIO-EXISTENCIAL:**

Experimentações fabulativas para *ficar com o problema*  
do paradigma da diferença sexual

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel em  
Psicologia na Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Sandrine  
Machado

Coorientadora: Me. Amanda de Almeida  
Schiavon

Porto Alegre, RS, dia 06 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

---

Professora Doutora Paula Sandrine Machado  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

---

Mestre Amanda de Almeida Schiavon - Doutoranda no Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul - UFRGS.

---

Emília Braz - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
(PPGAS/IFCH) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

## RESUMO

Tendo como principais referências Paul B. Preciado e Donna Haraway, o presente trabalho aborda o paradigma da diferença sexual. Reflete sobre as potências das SFs – sobretudo da fabulação especulativa e fabulação crítica – como métodos de pesquisa. Para, a partir desses conceitos, traçar paralelos entre a produção de conhecimentos e a produção de histórias, na intenção de tensionar a dicotomia natureza/cultura e as relações de poder envolvidas na consolidação de ‘verdades’ acerca do corpo-sexo-gênero. Partindo do entendimento que uma epistemologia só se mantém relevante através de um conjunto de narrativas, práticas e elementos humanos e não-humanos que a sustentam, este estudo pretende, através da realização de exercícios ficcionais e de fabulação especulativa, tensionar algumas das contradições dos dispositivos que fazem a manutenção desse paradigma, sobretudo aqueles que atuam no campo da saúde. Tais exercícios são baseados nas experiências em um projeto de extensão universitária, em estágios e também em vivências pessoais. Podemos compreender o regime da diferença sexual como um problema do nosso tempo – produzido e sustentado por instituições que perpetuam certas relações de dominação social. Indicamos, ainda, a importância da psicologia lidar com os efeitos da cisheteronorma mas, também, questionar como ela se mantém. Como podemos multiplicar naturezas, mundos nos quais viver? Quais parcerias podemos estabelecer nesse desafio? Como *ficar com o problema*?

**Palavras-chave:** Paradigma da diferença sexual, SF, Fabulação Especulativa, Fabulação crítica, cisheteronorma, binariedade de gênero.

## AGRADECIMENTOS

Concluir a graduação foi um processo longo, interessante e exigente. Um processo pelo qual só consegui passar pelas parcerias de muitas pessoas que construíram redes junto comigo e sem as quais não estaria aqui finalizando este trabalho. Ao longo desses anos, acompanhei as universidades públicas resistirem aos mais variados ataques à educação brasileira. Por isso, agradeço primeiramente a todas as pessoas que compartilham do ideal que a educação é um direito e não mediram esforços para lutar por uma universidade pública, diversa e de qualidade. Agradeço à UFRGS por ter me proporcionado tantos encontros de vida e por ter sido um território tão importante na minha formação, tanto profissional quanto pessoal.

Agradeço aos meus pais, por sempre terem investido na minha educação, me possibilitado as mais diversas experiências de vida.

Agradeço à minha mãe, por ter estabelecido um modelo de alguém que se posiciona, que ergue a voz diante das violências e, principalmente, por ter me apresentando a uma infinidade de histórias e gentes – essenciais para que eu pudesse ser como sou.

Agradeço ao meu pai, por ensinar que podemos transitar nas áreas cinzas e desviar das obviedades do mundo e, também, por me incentivar a viver do meu jeito nunca deixando de ser apoio.

Agradeço ao meu irmão, por ser alguém com quem posso contar, por me desafiar e não esperar pouco de mim. E aos três, por toda dedicação e carinho – me mostrando, na prática, que amor é ação.

Agradeço à Catarina, por me ensinar que a vida a gente encara de frente, com deboche e bom humor mais do que reclamação. Que alguns incômodos não valem nosso cabelo branco e que ser gentil é sempre mais importante. Não cabe nas palavras a falta que tu faz por aqui.

Agradeço às minhas amigas, meus verdadeiros tesouros, que dão sentido à vida e que fazem-me experimentar a mais intensa alegria de estar junto. Sei a sorte que tenho por ter pertinho de mim – independente da distância física – esse conjunto especial de pessoas incríveis que me inspiram e com as quais escolho, todos os dias, construir mundos. Obrigado por serem meu lugar favorito!

Agradeço especialmente à minha mi Bonin e meus migo Leo e Gabal por serem sempre tão acolhedores e sensíveis, mesmo nos momentos mais caóticos. Obrigada pela paciência durante esse período, mas principalmente, obrigada pelo abraço garantido, pelas palavras certeiras e opiniões sinceras – e por fazerem tudo isso com o melhor tipo de humor.

Agradeço à Mari, por me ensinar na prática sobre a escuta – e talvez a coisa mais valiosa na minha profissão: que ouvir é um exercício constante de deslocamento.

Agradeço ao Chico e à Júlia, as pessoas que dividem morada comigo e que garantem que nossa casa seja um lar acolhedor, divertido e acima de tudo, completamente insano.

Agradeço às minhas orientadoras, Paula e Amanda, pelas boas ideias, pela atenção despendida, mas principalmente por tornar a assustadora experiência de escrever um TCC um tantão mais leve.

Agradeço aos colegas do CRDH, que há quase dois anos têm contribuído para a minha formação profissional, mas em especial a Ariel e Kaia, pela parceria nas ciladas cotidianas, pelos colos e por toda bobajada que colore e dá prazer à rotina corrida.

Agradeço ao Leo, à Letícia e ao Matheus por tornarem o processo de fazer-junto bonito, rico e fácil, sendo companhias tranquilas e apaziguadoras nesses últimos semestres de estágio.

Agradeço à Ana Helena, por me instigar no infinito exercício de se apresentar do tamanho que se é.

Agradeço ao corpo docente do IP por ampliar meus horizontes e me apresentar ao universo da psicologia.

Agradeço a minha espécie companheira predileta, Catuci – uma mistura incrível de tubarão, morcego frutífero e suricato – por me acordar sempre com os bons dias mais animados e estar sempre juntinho.

Por fim, agradeço a toda população LGBTI+ pela coragem de fracassar aos ideais impostos e fazer de suas vidas outras histórias possíveis.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 Prólogo.....	8
1.2 O problema-paradigma.....	12
<b>2. ARRANJOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>15</b>
2.1 Entre SFs, Fabulação Crítica e Fabulação Especulativa.....	15
<b>3. CONHECIMENTO SITUADO OU “POR QUE CHEGAMOS AQUI?” .....</b>	<b>22</b>
3.1 Este corpo que escreve.....	22
3.2 Experiência na Extensão.....	26
<b>4. CONTRADIÇÕES EM CENA.....</b>	<b>28</b>
4.1 Não temos tempo agora.....	30
4.2 Uma entrada tranquila.....	33
4.3 Um pouco menos de quinze centímetros.....	36
<b>5. HISTÓRIAS DO PARADIGMA.....</b>	<b>40</b>
<b>6. EXERCÍCIO FABULATIVO.....</b>	<b>51</b>
6.1 Assumindo a Cilada como Território-Existencial.....	51
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Prólogo

Arrisco-me a dizer que a coisa que antecede uma escrita é antes de tudo um incômodo. Não qualquer um, mas aquele que nos faz tropeçar. Obriga-nos a parar e encarar o rumo óbvio pelo qual íamos. Um atrapalhamento que nos permite respirar. O ar adentra nosso pulmão e a gente cresce em volume – deixando de caber no lugar que até então nos comportava.

Para mim, entrar em contato com os estudos de gênero pela primeira vez foi isso. Um encontro de sorte que nomeou e acomodou um tanto de sensações e reflexões que vinham tomando conta de mim há tempos. Achar um lugar para situar as coisas que sentia me deu o fôlego que eu não sabia que precisava. A pressão do ar ao meu redor agora encontra a resistência de um corpo oxigenado e já não tem força suficiente para me comprimir como antes. Apresentar-se do tamanho que se é passou a ser uma possibilidade diária – veja bem, uma possibilidade, não uma garantia.

A pressão para escrever de um determinado modo também chega antes do ato de escrever. Vem acompanhada de inseguranças, dúvidas, instituições e formalidades. Parte importante desse processo é ter em mente que – se tudo der certo – este algo vai ser lido por alguém. Mas quem? Quando elaboramos esse tal de TCC, com quem queremos trocar uma ideia? Penso que o jeito que escolhemos falar é uma das formas de responder essas perguntas. Aqui, tenho vontade de conversar com a galera que não é muito inserida nos estudos de gênero, com o pessoal que não necessariamente está inserido na universidade e com qualquer curioso que, assim como eu, se percebe em constante desavença com algumas histórias que dizem falar sobre nós.

Relacionamo-nos com os discursos disponíveis nos contextos dos quais fazemos parte. Na psicologia, chamamos esse processo de *subjetivação*<sup>1</sup>. É através dessa movimentação-tipo-maré que constituímos nossa subjetividade. É assim que, aos poucos, nos apropriamos de pedaços discursivos e criamos nosso modo singular de estar no mundo. No entanto, navegar por esse emaranhado de

---

<sup>1</sup> Conceito bastante explorado por Michel Foucault ao longo de obras como “Arqueologia do Saber” (1969), “Vigiar e Punir” (1975) e “História da Sexualidade 1: A vontade de saber” (1976).

discursos não é tarefa tranquila, nem uma viagem amistosa. Pelo contrário, nossa subjetividade é campo de disputas constantes. As histórias que nos constituem são atravessadas por relações de poder e, por isso, se não estivermos bem atentos, corremos o risco de termos nossas vidas capturadas por discursos que se apresentam como verdades - por atribuírem a si o caráter de maior legitimidade.

A sociedade ocidental também se organiza a partir de um conjunto de histórias. De ficções que escolhemos aceitar como verdades únicas até que deixem de fazer sentido. Ou seja, até que as pessoas, que estão vivendo seus efeitos no momento presente, se incomodem ao ponto de questioná-las – para então criar novas fabulações. Entre algumas dessas histórias estão as leis, as fronteiras territoriais, o capitalismo e a ciência, por exemplo. Dessas, derivaram muitas outras e, dessas outras, outras mais. Uma das histórias que surgiu a partir da ciência, foi a eugenia - que afirmava uma relação de superioridade biológica entre as raças e serviu para justificar a escravização dos grupos considerados racialmente inferiores. Histórias são coisas poderosas.

Durante muito tempo existia uma diferença de significados entre as grafias “história” e “estória”. Se utilizava “história” para se referir a relatos ou narrativas reais, como eventos passados, políticos, sociais, culturais, etc. Enquanto o termo “estória” era usado na intenção de demarcar narrativas ficcionais, como contos, folclore e narrativas imaginárias. Ao longo do século XX, a grafia “estória” foi aos poucos caindo em desuso e, hoje, na língua portuguesa contemporânea, a palavra “história” abrange tanto os fatos supostamente “reais” quanto os ditos “ficcionais”. Quando comecei a escrever este texto, fiquei na dúvida sobre qual termo usar. Sabia qual era o termo “correto” atualmente, mas, achei o uso da palavra “estória” mais interessante justamente por trazer consigo uma marca de ficção – uma dimensão imaginativa e interpretativa que assume que a realidade não existe de antemão: ela é produzida pelos discursos.

Mas, se a realidade só existe a partir das nossas percepções e construções narrativas sobre ela, talvez não faça sentido essa diferenciação entre os termos mesmo. Assim, “História” e “Estória” passam a ser sinônimos: uma mistura de fatos, criações e interpretações. Ou, como melhor explica Donna Haraway<sup>2</sup>:

---

<sup>2</sup> Citação do artigo “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. Donna Haraway é uma teórica feminista, filósofa e acadêmica norte-americana, nascida em 1944, branca. É professora do Programa de História da Consciência da Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Haraway mistura teorias feministas, filosofia, ciência e ficção científica para

A História é uma estória que os entusiastas da cultura ocidental contam uns aos outros; a ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma. Ponto. A forma na ciência é retórica artefactual-social de fabricar o mundo através de objetos efetivos. Esta é uma prática de convicções que mudam o mundo e que tomam a forma de incríveis objetos novos - como os micróbios, os quarks e os genes (HARAWAY, 1995, p.10/11).

Talvez fosse mais frutífero para nós se tivesse ocorrido a permanência do termo “Estória” como ortografia oficial – para nos servir de lembrete que nenhuma história corresponde à verdade total sobre algo. Especialmente, naqueles campos de conhecimento que assim se colocam. De qualquer modo, acho importante pontuar, que o tensionamento provocado por essa perspectiva tampouco implica na ideia de que não se pode produzir conhecimentos de forma segura, a partir de métodos e éticas bem explicitados – e que tenham valor para o mundo. No artigo “Saberes Localizados”, Haraway (1995) faz um alerta para a importância de um cuidado nesse sentido: ao questionar as alegações totalizantes das autoridades científicas, devemos ter cautela para não cair em um relativismo total. Para, assim, construir algo entre a objetividade neutra e o subjetivismo generalizado.

Podemos, então, concordar aqui que conhecimentos são, em sua essência, histórias inventadas para possibilitar a inteligibilidade do mundo – e isso não reduz sua importância, nem seu valor. Assumir que produzir conhecimentos é, no âmago, produzir histórias, nos autoriza a adotar uma postura de estranhamento diante dos saberes que, ao omitirem sua origem fabricada, acabam produzindo a equivocada ilusão de que são menos inventados. Com isso, permitem - estrategicamente - que sejam confundidos como os Únicos Entendimentos Possíveis da Natureza. As teóricas feministas<sup>3</sup> nos ensinam, ao contrário, que o conhecimento não é neutro e que a sua produção enquanto algo “universal” guarda um comprometimento com o

---

questionar as fronteiras rígidas entre humanos, máquinas e animais, explorando a ideia de que somos todos entrelaçados em uma teia complexa de relações sociais, biológicas e tecnológicas. Ela é uma defensora dos direitos dos animais e do meio ambiente, conectando questões de justiça social, ecologia e tecnologia em seu trabalho. Atualmente, tem explorado ideias sobre a interseção entre o capitalismo, a tecnologia e a crise ambiental, introduzindo o termo "Capitaloceno" para descrever a era atual.

<sup>3</sup> Longe de ser exaustiva, algumas teóricas feministas importantes na construção da crítica ao modelo universalista de sujeito nas produções de conhecimentos, de diferentes períodos históricos e contextos nacionais, são: Donna Haraway, Sandra Harding, Audre Lorde, Patricia Hill Collins, Gayatri Chakravorty Spivak, Gloria Anzaldúa, Teresa de Lauretis, bell hooks, Angela Davis, Silvia Federici, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro.

modelo universalista de sujeito que, por sua vez, é masculino, branco e heterossexual – um reflexo da imagem que ocupa as posições de poder na modernidade ocidental.

Para além da construção desse posicionamento crítico em relação às epistemologias que se afirmam neutras e universais, assumir que conhecimentos são construções ficcionais humanas, também, nos convoca a questionar as histórias que não vemos sentido. Repensar os limites das categorias de conhecimentos, a partir das quais nós pensamos nosso mundo, torna-se mais que um desafio: passa a ser um horizonte ético. Temos a possibilidade de recusar as histórias que geram mortes, justificam genocídios, sustentam a colonialidade<sup>4</sup> e fundamentam o racismo, o sexismo, o classicismo, o capacitismo e a LGBTI+fobia. Se é factível rejeitar, é igualmente factível fabular. Quando nos relacionamos com as realidades a partir de um lugar capaz de produzir questionamentos e estranhamentos, também temos a possibilidade de produzir outras realidades, de inventar novas histórias. Logo, criar fabulações é um jeito de exercitar nossos imaginários políticos e modificar o presente.

A história na qual pretendo me debruçar aqui é a que divide as pessoas entre homens e mulheres. É a história da binariedade de gênero, tão poderosa, que tem como efeito a criação de um paradigma que se pinta como natureza. Uma história tão poderosa que quase nos faz esquecer do seu caráter ficcional: só existe porque em um determinado lugar e em um determinado tempo, foi inventada por pessoas. Seus efeitos não são menos relevantes: organizam parâmetros de normalidade, de saúde, de cidadania e até de humanidade. Serve de base para teorias fundamentais de diversos campos de conhecimento, como, fortemente, o da psicologia. Mas como uma narrativa se sustenta como verdade indiscutível? Como rompemos com as histórias que não nos servem mais? Como derrubamos paradigmas e multiplicamos naturezas, mundos nos quais viver? E, também, quais parcerias podemos estabelecer nesse desafio?

Compreendo o regime da diferença sexual como um problema do nosso tempo – um paradigma produzido e sustentado por instituições que perpetuam

---

<sup>4</sup>Eduardo Restrepo e Axel Rojas (2010, apud viviane v., 2016) colocam que enquanto o "colonialismo se refere ao processo e aos aparatos de domínio político e militar que se exercem para garantir a exploração do trabalho e das riquezas das colônias em benefício do colonizador. [...] A colonialidade é um fenômeno histórico muito mais complexo que se estende até nosso presente, e que se refere a um padrão de poder que opera através da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas. "

certas relações de dominação social. Também parto da premissa que trabalhar no sentido da desnaturalização desse paradigma é um dos modos de me implicar no compromisso ético da psicologia de combate a cisheteronormatividade, levando em consideração a dívida histórica do campo psi por ter, historicamente, produzido saberes que colaboraram na sujeição da população LGBTI+. Como objetivo desta escrita, pretendo fazer exercícios ficcionais e de fabulação especulativa que tensionem as contradições de dispositivos que fazem a manutenção do paradigma da diferença sexual no campo da saúde.

Primeiramente, apresentarei o problema de pesquisa e a metodologia. Em seguida, irei me situar em relação a alguns marcadores sociais e contarei rapidamente sobre o projeto de extensão que participo e que tem relevância para as reflexões feitas aqui. No capítulo que segue, vou compartilhar três exercícios ficcionais. Depois, em “Histórias do Paradigma” vou reunir referências que ajudem a corporificar e historicizar a produção de saberes científicos sobre o corpo sexuado. Para então, me aventurar na elaboração de um exercício fabulativo – seguindo a metodologia proposta. Por fim, finalizarei apontando as considerações finais e as referências utilizadas. Farei isso, cuidando para manter o ideal da extensão universitária como plano de fundo da escrita, de modo que o trabalho seja um diálogo possível.

## **1.2 O problema-paradigma**

Explicado de forma simples, um paradigma é o jeito que pensamos as coisas. É como se fosse uma lente que nos permite fazer determinadas leituras da realidade – um compilado de ideias e conceitos que utilizamos para explicar como o mundo funciona. Paradigmas são histórias que criamos para dar inteligibilidade à vida. O ponto-chave desse lance é que, quando criamos essas explicações, nós também estamos criando a própria realidade que buscamos entender. Se a noção sobre o que é natural não existe antes da nossa necessidade de defini-la, conseqüentemente, confeccionamos a natureza na medida em que elaboramos saberes sobre ela. Assim, se inventamos uma máquina produtora de mundo, podemos também assumir a possibilidade de sabotá-la.

Uma epistemologia é um fechamento do nosso sistema cognitivo que não apenas dá respostas às nossas questões, mas que define as próprias questões que podemos colocar (...) Poderíamos dizer, portanto, que **o regime da diferença sexual é uma epistemologia histórica, um paradigma cultural e tecnocientífico, que nunca existiu e que está sujeito, como toda epistemologia, a críticas e mudanças**<sup>5</sup> (Preciado, 2022, p.51/52.).

O presente trabalho tem como objeto o paradigma da diferença sexual. Partindo do entendimento que uma epistemologia só se mantém relevante através de um conjunto de narrativas, práticas e elementos humanos e não-humanos que a sustentam, este estudo pretende investigar algumas das contradições dos dispositivos que fazem a manutenção desse paradigma - sobretudo aqueles que atuam no campo da saúde. Como expressa Berenice Bento, ao tratar sobre instrumentos de afirmação dos discursos hegemônicos,

Há uma disputa acirrada, muitas vezes negada, entre os discursos. **Aqueles que são hegemônicos têm poderosas instituições que repetem em uníssono: a normalidade da existência tem como fundamento a diferença sexual.** O saber médico é uma dessas poderosas instituições. Sua legitimidade está na capacidade de produzir verdades inquestionáveis. Por ser “neutro”, há uma crença de que esse saber descreve a natureza, quando, de fato, produz a natureza em sua imagem e semelhança (Bento, 2011, p.558).

A análise de Berenice evidencia como determinadas instituições atuam sustentando narrativas dominantes e que é através desse sistema de produção de verdades que uma história estabelece sua hegemonia. Michel Foucault<sup>6</sup> define verdade como:

um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a produzem (1979, p.12).

---

<sup>5</sup> Todos os destaques em negrito presentes nesse texto, foram feitos por mim.

<sup>6</sup> Definição pontuada por Foucault em “A Microfísica do Poder” (1979), obra em que o autor examina como o poder opera em níveis menores e mais dispersos da sociedade, em vez de se concentrar apenas em estruturas de poder macroscópicas. Foucault destaca como o poder está presente nas interações cotidianas, nas instituições e nas relações sociais, analisando como ele é exercido e internalizado por meio de práticas disciplinares e formas de controle social sutis, influenciando as dinâmicas de poder em diferentes contextos sociais.

Vê-se, por isso, como alguns campos de conhecimento podem servir como poderosos dispositivos de preservação de paradigmas e de normas, produzindo ideais de gêneros e sexualidades.

Em diversos encontros com tais mecanismos, tanto no âmbito pessoal quanto na prática profissional, chamou minha atenção a materialização de uma série de incoerências discursivas e éticas em situações nas quais estava em cena a diferença sexual. Enquanto que, em algumas circunstâncias, dispositivos como a medicina, a escola e a família se mobilizam para intervir ativamente sobre a vida e os corpos das pessoas, em outras o esforço é no sentido oposto: exercitar o poder da tutela na intenção de impedir intervenções sob a justificativa da promoção do cuidado. Escutar essas contradições, atravessada por uma perspectiva interseccional<sup>7</sup>, me fez perceber que os critérios para validar intervenções parecidas são deliberadamente modificados a depender de como cada indivíduo se expressa dentro da ordenação binária do sistema sexo-gênero. Sendo assim, a hipótese que instiga essa pesquisa é que na ética das disciplinas da saúde, muitas vezes, o que está em jogo não é simplesmente o cuidado com a saúde dos sujeitos mas a sua relação de conformidade - ou não - com a cisheteronorma. Utilizarei, neste trabalho, a junção dos termos cisnorma e heteronorma por partir da ideia que

A heteronormatividade só pode ter esse título porque antes é cisheteronormatividade. **Todo o sistema de relações de poder baseadas na heterossexualidade dos corpos pressupõe, antes, que esses corpos são cisgêneros.** Assim, o corpo feminino sempre coincidirá com um corpo portador de uma biovagina e o corpo masculino sempre coincidirá com um corpo portador de um biopênis, e esses corpos diferentes sempre se atrairão mutuamente por ser essa a ordem naturalizada pela heteronormatividade (Preciado, 2018, p.134.).

Afetada, especialmente, pela leitura de Paul B. Preciado e Donna Haraway, planejo refletir sobre as potências das *SFs* – sobretudo da fabulação especulativa e fabulação crítica – como métodos de pesquisa. Para, a partir desses conceitos, traçar paralelos entre a produção de conhecimentos e a produção de histórias, na intenção de tensionar a dicotomia natureza/cultura – situando os saberes científicos como construções ficcionais e as relações de poder envolvidas na consolidação de ‘verdades’ acerca do corpo-sexo-gênero.

---

<sup>7</sup> (Bilge e Collins, 2020)

## 2. ARRANJOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Entre SFs, Fabulação Crítica e Fabulação Especulativa

Ao ler um romance, qualquer romance, temos de saber perfeitamente bem que a coisa toda é absurda, e então, enquanto lemos, acreditar em cada palavra. Finalmente, quando terminarmos, podemos descobrir – se o romance for bom – que estamos um pouco diferente do que éramos antes da leitura, que fomos, de alguma forma, transformados, como se tivéssemos conhecido um rosto novo ou cruzado uma rua que nunca cruzáramos antes. Mas é muito difícil *dizer* exatamente o que aprendemos, *como* fomos transformados (Le Guin, 2017, p. 17).

Parte da ideia de fazer um trabalho baseado em histórias se deve a experiência no projeto de extensão. No CRDH<sup>8</sup> (Centro de Referência em Direitos Humanos), tive muito contato com um público específico: adolescentes trans adoradores de RPG<sup>9</sup>. Foram muitas sessões ouvindo sobre as regras do jogo, sobre o desenrolar das diferentes campanhas e sobre as vidas de cada personagem já criado. Me surpreendi com a riqueza das construções narrativas. Independentemente se contavam desde o lugar de quem *mestra* ou desde quem *joga*, o envolvimento naqueles mundos fictícios era gigante. Era necessário comprometimento – páginas e páginas eram escritas para cada campanha. Percebi que o que eles viviam ali não era menos real. Faziam amizades, estabeleciam parcerias, pesquisavam fatos históricos, resolviam enigmas, viviam romances, criavam gêneros, descobriam coisas sobre si, riam, discutiam. Ficavam alegres e tristes. Em um contexto onde vários desses jovens, por vezes, não estavam saindo de casa nem para ir à escola, através do RPG construía universos inteiros. Mundos onde era possível se experimentar. As experiências nas sessões de RPG eram parte importante do conteúdo trazido para as sessões de terapia. As coisas que surgiam nos universos fantasiados produziam questões sobre esse mundo aqui.

---

<sup>8</sup> Contarei mais sobre o projeto no capítulo “experiência na extensão”.

<sup>9</sup> A sigla RPG significa “Role Playing Game”, é um jogo de fantasia no qual os participantes assumem papéis fictícios e criam narrativas colaborativas onde uma pessoa conduz a história (mestra a campanha), e as outras interpretam personagens criados com características singulares. Trata-se de um jogo “aberto”, em que as escolhas de cada jogador influenciam no resultado da narrativa, por tanto não existe um final pré concebido para as campanhas. É um jogo cuja imaginação é o principal recurso.

Algo desse processo se assemelha aos conceitos de fabulação especulativa, fabulação crítica e SFs. Nessas perspectivas, fabular é brincar com o limite das coisas – propor novos modos de existência para aquilo que já existe e ver o que se produz a partir daí. É uma prática que, ao criar mundos possíveis, pressiona a realidade do presente. Quando tomamos nossos limites como território de experimentação, escolhemos *ficar com o problema*. Mudamos a pergunta “o que é?” para “o que se pode?”. Os limites deixam de limitar e passam a ser matéria para criação. As autoras Ursula Le Guin, Octavia Butler, Saidyia Hartman e Donna Haraway são algumas das principais referências desse método de escrever. Elas lançam um convite para nos debruçarmos sobre a indagação “e se?” para montar cenários hipotéticos como forma de exercitar nossos imaginários políticos e provocar efeitos no agora.

Haraway (2023) nos traz a potência de recorrer à imaginação como ferramenta para embaçar as divisas entre natureza/cultura, verdade/ficção, artificial/natural, humano/animal e assim, elaborar alternativas para a pergunta “Como continuar vivendo nesse mundo?”. Ela aposta na criatividade como forma de resistir ao capitaloceno<sup>10</sup> e à inércia causada pela falta de perspectivas de um futuro vivível para a espécie humana. Imaginar outras possibilidades de existência é se recusar a ceder ao realismo capitalista, pensamento no qual parece “mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2009, apud Silva e Araújo, 2018, p. 74). Arrisco fazer um paralelo com o tema central deste trabalho: é mais fácil imaginar viver em outro planeta<sup>11</sup> do que o fim do paradigma da diferença sexual. A dificuldade de fantasiar pode ser vista como sintoma do modo de subjetivação capitalista. Como colocam Silva e Araújo, “é necessário tomar o campo da imaginação como mais uma das ecologias devastadas pelo avanço do pensamento moderno” (Silva e Araújo, 2018, p.103). Nesse sentido, a fabulação

---

<sup>10</sup> Capitaloceno é uma alternativa ao termo Antropoceno. Enquanto o Antropoceno se refere a era geológica em que as atividades humanas começaram a ter um impacto global significativo no clima da Terra e nos seus ecossistemas, ao ponto de não existir mais um ponto *de retorno* para os impactos ambientais causados pelos seres humanos, a ideia de Capitaloceno compreende que, na verdade, a questão não é a atividade humana, mas sim o sistema econômico do Capitalismo – baseado no consumismo, na exploração, na privatização e na geração de lucro.

<sup>11</sup>Confira “Partiu Marte? Elon Musk faz previsão sombria sobre colonização no Planeta Vermelho”, disponível em <https://sputniknewsbr.com.br/20210425/partiu-marte-elon-musk-faz-previsao-sombria-sobre-colonizac-ao-no-planeta-vermelho-17401792.html>

especulativa se mostra como uma ferramenta poderosa de resistência diante da destruição e da violência geradas pelo capitalismo.

Um tipo de literatura aberta a experimentar especulativamente quais os possíveis arranjos que podem emergir a partir da dissolução e reorganização de antigas fronteiras, entre humanos e as várias formas do não-humano, vida e não-vida, indivíduo e sociedade, ciência e outras produções de verdade, natureza e cultura (Silva e Araújo, 2018, pg.77).

Há de se pensar também a fabulação especulativa e a fabulação crítica como epistemologias situadas que se constituem como tais, porque, como coloca Saidiya Hartman, “jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma” (Hartman, 2022, p.13). Logo, fabular a partir dos problemas do nosso tempo é assumir um confronto explícito com o estado das coisas. Significa não se conformar com o modo que as coisas são e “assumir a *treta* como território existencial”<sup>12</sup>. Haraway (2023) nomeia esse movimento de: *ficar com o problema*. Vai no sentido oposto do negacionismo, da conformidade derrotista e da esperança imobilizadora. Se assemelha com o que Olamina, personagem principal do livro “A parábola do semeador”, de Octavia E. Butler, aprende ainda no início da vida:

Ela não consegue concordar com o pai ou os outros adultos quando se trata de fechar os olhos com medo, na esperança que os bons e velhos tempos voltem. (...) Ao aceitar a Semente da Terra, não espera por nenhuma ajuda sobrenatural. Ela reconhece um deus, mas não uma entidade senciente, caridosa e antropomórfica. Acredita que a única ajuda em que podemos confiar é aquela que vem de nós mesmos e de um para o outro. Nunca desenvolve uma atitude de “as coisas vão se resolver de algum modo”. Ela aprende a ser ativa (Butler, 2018, p. 420).

Fazer especulações fabulativas, para Haraway, é puxar um fio daquilo que ninguém está vendo como uma forma de contar outras histórias. Uma prática onde

importam as matérias que usamos para pensar outras matérias; importam as histórias que contamos para contar outras histórias. Importa quais nós amarram nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais laços enlaçam laços” (Haraway, 2023, p.27).

---

<sup>12</sup> Anotação feita por mim, em aula, da frase dita pelo professor Luis Artur Costa, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Trata-se de um jeito de fazer no qual “dever-com, e não simplesmente dever, é a regra do jogo” (p.28). No seu livro “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno”, a autora desenvolve a ideia de que para encontrar saídas para o mundo devastado pelo capitaloceno, antes de qualquer coisa, temos que aprender a construir relações entre humanos e não-humanos. Visto que é a interferência capitalista-humana no planeta que nos trouxe até a crise atual. Em outras palavras: já que nossas imagens coletivas de futuro são sempre humanistas – e isso é o problema central – o desafio para a sobrevivência é buscar narrativas não-humanas.

No texto “Ficção Científica e Fabulação Maquínica” de Araujo e Silva (2018, p.103), os autores falam sobre como “a máquina literária é capaz de reimaginar essas zonas devastadas, redirecionar seus fluxos materiais de maneiras que jamais imaginamos, ao produzir outros tipos de relações”. Esse aspecto aproxima as diversas formas de fabulação, pois é o caráter de experimentação que torna possível co-produzir sentidos e deslocamentos – diferente da dimensão interpretativa, que produz explicações de um para o outro.

Não se trata de interpretar um mundo à beira do colapso, mas sim de agir sobre ele através de ficções que reorganizem as linhas de força – tanto corporais quanto enunciativas – que o levaram a tal ponto. Um texto, um romance, não interpretam ou dão sentido ao mundo, mas sim produzem novos mundos no interior da catástrofe iminente’ (Silva e Araújo, 2018, p.82).

Indo ao encontro dessa ideia de que experimentar é uma dimensão importante da fabulação, Haraway faz uma analogia com a brincadeira *cama-de-gato*, que segundo ela é um jeito de especular. Nesse sentido, “brincar com figuras de barbante tem a ver com dar e receber padrões, com soltar os fios e falhas – mas, às vezes, encontra-se algo que funciona, algo consequente e talvez até mesmo belo, que não estava ali antes” (Haraway, 2023, p.24).

Com isso, podemos compreender que a fabulação especulativa e a fabulação crítica consistem na prática de inventar histórias que partem daquilo que percebemos como problema mas que vão além – extrapolam os limites do que existe para experimentar outros modos de vida. É uma metodologia que utiliza a imaginação e a fantasia como fermento para produzir novos sentidos e estranhamentos sobre o presente. Penso que deslocar-se é fundamental na prática da psicologia e uma história faz justamente isso: desloca-nos para outros mundos,

dando-nos a oportunidade de sentir a partir de outros lugares. Produz mudanças de perspectiva. A gente se envolve na narrativa, se deixa levar de forma desavisada e quando vê estamos nos identificando ou nos indignando com uma questão que até então não tínhamos dado importância.

Para complementar a metodologia deste trabalho, utilizarei também o conceito *SF*, inventado por Donna Haraway. *SF* é um termo guarda-chuva, trata-se de uma sigla que se refere a um conjunto de ferramentas teórico-metodológicas que se misturam e se complementam como práticas de pesquisa-criação de saídas para aquilo que a gente toma como problema. Em inglês, *SF* representa *science fiction* (ficção científica), *speculative fabulation* (fabulação especulativa), *string figures* (figuras de barbante), *speculative feminism* (feminismo especulativo), *scientific fact* (fato científico) e *'so far'* (até agora) (Haraway, 2023), a abreviação significa cada um desses termos e também todos ao mesmo tempo. Podemos entender *SF* como um método de investigação, uma técnica que nos ajuda a adentrar nas redes que conectam as problemáticas as quais escolhemos nos dedicar.

Enquanto ficção científica, fabulação especulativa e fato científico não exigem mais explicações, as outras *SF* talvez precisem de mais palavras para serem entendidas. A ideia de feminismo especulativo está ligada, principalmente, às críticas epistemológicas colocadas pelas teorias feministas. Tais críticas prezam por utilizar leituras e interpretações do mundo criadas a partir de pontos de vista que se distanciam do modelo universalista de sujeito e procuram dar ênfase às histórias contadas pelas perspectivas que foram historicamente desvalorizadas. Haraway (2021) pontua a importância de escolher as histórias, ideias e formas que usamos para pensar outras histórias, ideias e formas. Com isso, ela está nos alertando para o fato que quando produzimos conhecimentos sobre a vida, estamos ao mesmo tempo criando e modificando ela. Por tanto, as histórias que escolhemos tem efeitos distintos sobre aquilo que buscamos pensar.

Por exemplo, a dialética de Hegel do "senhor e do servo" é uma narrativa inventada pelo filósofo para pensar a cultura. De forma simplificada, nessa ficção, o resultado de um encontro entre dois seres sempre será a disputa, tendo como consequência a formação de uma relação de dominação e alienação, em que um dos seres, para evitar a competição até a morte, aceita a condição de sujeição. Para se emancipar, é preciso que o servo passe por um processo de desalienação, tornando-se ciente do valor do seu trabalho. Em resumo, o que essa história nos

permite concluir da sociedade é que (1) a guerra é a consequência natural do convívio entre as pessoas e (2) a valorização do trabalho é o que nos leva à emancipação. Partindo apenas destes dois pontos, conseguimos, rapidamente, chegar a leituras como a naturalização das relações de exploração, o reconhecimento social pela via do trabalho e a ideia de que a independência é uma possibilidade, interpretações como essas podem servir de justificativa para desdobramentos maiores como a colonialidade, o capitalismo, o capacitismo, o neoliberalismo e por aí vai. Obviamente, esse exemplo é uma simplificação exagerada para compor esta discussão.

Nesse mesmo sentido, podemos encontrar infinitos mitos que nos constituem. O Édipo é outro exemplo interessante, é uma história que fundamenta a psicanálise e que, de forma bem explícita, produz a cisgeneridade e a heterossexualidade como os resultados normais da constituição do sujeito psíquico. Então, quando Haraway fala de feminismo especulativo, está propondo que utilizemos ficções feministas para produzir conhecimentos. Ela faz o contraponto em relação aos mitos de guerra, levantando questões sobre como seria o mundo hoje se a civilização tivesse se constituído a partir das perspectivas das mulheres, das coletoras, da coletividade – podendo estender isso para as cosmologias indígenas, contra hegemônicas, sul globais, etc. É como fazer o exercício de voltar ao conto de Hegel para pensar “quais seriam os desdobramentos caso o encontro entre os dois seres fosse um encontro de amor?”. Com isso, podemos entender, aqui, o feminismo especulativo como a prática de valorização das narrativas dissidentes.

Já a *SF* ‘figuras de barbante’, é uma referência ao jogo que aqui no Brasil chamamos de ‘cama de gato’. Serve de metáfora para o processo de testar, acertar, falhar, receber, passar e assim descobrir padrões que nos servem e padrões que não funcionam – coloca a dimensão da experimentação. É sobre o ato de fazer no *agora*, carrega a temporalidade do presente. Trazendo a ideia que devemos agir no presente, ao invés de aceitar uma ideia de futuro que na verdade não temos controle sobre. Brincar de ‘cama-de-gato’ é a coisa em si, pois é no *fazer* que se formam novas figuras (padrões) que vão funcionar para aquele momento, naquele lugar e com aqueles atores específicos. A montagem deste TCC é um exemplo da *SF* ‘figuras de barbante’. Quando escolho ler determinadas autoras, usar certas referências, estruturar o texto de um jeito específico e falar de uma forma ‘x’ para pensar sobre o problema de pesquisa, estou experimentando um arranjo, uma

imagem de ‘cama-de-gato’ – com conexões singulares, amarrações e desamarrações. Cama-de-gato não se joga sozinho, se faz em conjunto – assim como a escrita. Por isso, essa SF também traz consigo o fazer-com, o fazer coletivo, que a autora vai chamar de *simpoiense*<sup>13</sup>.

A SF ‘até agora’ é um tanto mais simples. Representa o caráter plástico do conceito, a não-fixidez. Significa a abertura para novas SFs e a possibilidade de abandono quando alguma deixar de fazer sentido. É sobre um método que não se fecha, não está pronto, podendo sempre se transformar. Como exemplo podemos usar a própria ideia das SFs, que no artigo publicado pela autora, em 2021, se referia apenas a quatro itens: ficção científica, fabulação especulativa, figuras de barbante e ‘até agora’. Mas que, em 2023, foi modificado pela própria Haraway ao acrescentar mais dois: fato científico e feminismo especulativo. Aproveitando o movimento da autora e a falha na correspondência dos nomes em português com as letras ‘SF’, vou adicionar outras SFs que irão ajudar a compor este arranjo metodológico, são elas: Conhecimento Situado e Ficção Narrativa.

Conhecimento situado é um conceito também explorado por Donna Haraway (1995). É uma alternativa crítica à neutralidade totalizante e ao relativismo, que, na sua visão, “são ambos ‘truques de deus’, prometendo, igualmente e inteiramente, visão de toda parte e de nenhum lugar, mitos comuns na retórica em torno da Ciência” (p.24). É uma premissa ética de corporificar e historicizar as produções de saberes, reconhecendo os limites de cada perspectiva. Ela argumenta a favor de práticas que privilegiam a contestação, a desconstrução, as conexões em rede como forma de transformar os sistemas de conhecimentos. Segundo a autora, “é precisamente na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional (HARAWAY, 1995, p.24). Embora essa SF esteja presente em toda construção deste trabalho, ela aparece com grande ênfase no próximo capítulo, no qual pretendo situar esse pesquisadora que escreve.

Ficção Narrativa, vou utilizar como uma união de alguns pontos da “pesquisa narrativa” com as SFs de ficção. A pesquisa narrativa pode ser explicada como um método que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o

---

<sup>13</sup> Simpoiense é uma palavra simples, que significa “fazer-com”. Nada se faz por si só; nada é realmente autopoiético ou auto-organizado. (...) Ela descreve a mundificação conjunta, em companhia. A simpoiense envolve a autopoiese, desdobrando-a e expandindo-a de maneira gerativa (Haraway, 2023, p.119)

investigador encontrará informações para pensar sobre o fenômeno escolhido. Considerando que os pesquisadores nunca têm acesso direto às experiências do outro, nessa metodologia lida-se com as ambiguidades das interpretações e da comunicação (Paiva, 2008). Ficções narrativas seriam, então, formas de experimentação nas quais, a partir da coleta de histórias sobre uma temática, são construídas outras narrativas que tensionem as questões pesquisadas. São exercícios ficcionais narrativos feitos a partir da escuta e da coleta de outras histórias que se relacionam com o problema da pesquisa. É a principal SF que desenha o capítulo 4, “Contradições em Cena”.

Todas essas SFs unidas como o conceito proposto por Haraway, irão servir de metodologia para esta escrita. Dessa forma, ficção científica, fabulação especulativa, figuras de barbante, feminismo especulativo, fato científico, conhecimento situado, ficção narrativa e ‘até agora’ se articulam durante a construção desse texto, apresentando-se, por vezes, de formas pontuais, mas se fazendo presente ao longo de todo desenvolvimento. De acordo com Haraway, “como ser *respons-hábil* (responsabilidade + habilidade de resposta) é a questão consequente da criação de mundos SFs” (2021, p.12, tradução minha). Dito isso, pretendo participar desse jogo de experimentação imaginativa e me lançar no desafio de fazer exercícios ficcionais – criando histórias a partir dos movimentos que senti durante o desenvolvimento desta escrita.

### **3. CONHECIMENTO SITUADO OU “POR QUE CHEGAMOS AQUI?”**

#### **3.1 Este corpo que escreve**

- O que é lésbica?
- QUE?
- Lésbica. Que que é?
- Por que tu quer saber isso? Não é coisa pra criança!
- Eu queria saber o que é
- Onde tu viu, ouviu isso?
- É que hoje no recreio me disseram que eu sou uma.

Fui chamada de lésbica a primeira vez quando tinha cinco anos, pelo menos é o que minha memória me permite recordar. Estava no jardim de infância, um ano antes do pré. Uma gurria mais velha, devia ter uns doze anos, me “xingou” dessa maneira. Não fazia ideia do que a palavra significava. Hoje, sei que ela não disse isso porque eu estava demonstrando afeto por outra menina. Me chamou de lésbica por conta do jeito que eu me vestia, falava e me movimentava. Eu usava uma sandália larga de couro e o uniforme do colégio. Não a versão “feminina” do uniforme, short-saia e blusa de laicra (aquelas que deixam cheiro de asa). Eu estava sempre com bermudão e camiseta que tinha herdado do meu irmão mais velho e que adorava.

Por mais que eu lembre do meu primeiro encontro com a palavra lésbica, com a palavra “machorra” eu não faço ideia. Tenho a memória de ela ter sempre existido. Assim como lembro que, no colégio, com frequência se referiam a mim usando ela. Ok, eu era *machorra*. O que isso significava exatamente, não entendia. Eu gostava de meninos, até então não tinha me apaixonado por nenhuma menina. Por que insistiam nesse apelido? Sabia que o meu jeito tinha algo a ver. Os tênis que eu escolhia, o comprimento da bermuda e o ângulo da curva que a regata fazia na minha axila. Eu gostava das retas – e aparentemente isso tinha alguma relevância na interpretação dos outros sobre minha sexualidade. Hoje sei que era uma infinidade de coisas. Era tudo que me tornava eu. Jogar bola no recreio junto com os guris, sentar na cadeira com a perna pra cima, falar alto e brigar quando precisava, andar de skate e ser viciada em videogame. Podia ficar horas listando coisas aqui. Os motivos que faziam com que várias pessoas me chamassem de machorra eram os detalhes que eu mais gostava de mim. Por que então tinha esse tom maldoso que fazia eu me sentir mal comigo mesma?

Passei minha adolescência morrendo de medo de ser lésbica. *Imagina se eu sou lésbica? Confirmar exatamente o que falavam? Ia mudar muita coisa... Tudo seria tão diferente.* Ainda bem que não sou, pensava. Para mim, nesse momento, ser lésbica estava no campo da imaginação. Era tipo uma história de terror numa versão alternativa da minha vida. Às vezes passava um tempão criando cenários mentais em que essa história se desenrolava. Mas as narrativas nunca eram sobre eu estar me relacionando com outra mulher, vivendo algo legal, nem nada assim. Era sempre eu, em desespero, me afastando de tudo e todos, ninguém mais falando

comigo e minha vida virando de cabeça para baixo. Foi só com dezenove anos, quando entrei na UFRGS e me mudei para Porto Alegre, longe de todo mundo que eu conhecia, que me entender como lésbica passou a ser parte da minha história vivida.

Apesar de parecer que já falei em excesso sobre mim, tudo que contei aqui é só uma parte minúscula. Mesmo que fizesse o texto inteiro sobre isso, ainda assim quem fosse ler apreenderia apenas parcialmente algo sobre minha vida. E isso serve para o movimento contrário. Por mais que eu pesquise horrores sobre um tema, sempre vou chegar em ideias parciais. Geni Núñez diz que “querer saber tudo sobre o outro, além de impossível é colonizador”. Penso que, como futura psicóloga, tenho a obrigação de ter isso sempre em mente – para não cair no vício antigo dessa profissão que muito já acreditou saber mais do outro do que ele mesmo.

Faço essa breve apresentação na intenção de me situar, seguindo a linha do projeto de objetividade feminista que preza por conhecimentos situados e corporificados (Haraway, 1995). Ou seja, localizados no tempo, raça, gênero etc. Sou atravessada por diferentes marcadores sociais – nem sempre fixos – cujas múltiplas combinações produzem efeitos e materialidades em cada encontro do meu eu com o mundo. Esse corpo que está aqui escrevendo é um corpo branco, de classe média, com menos de 30 anos, brasileira e latinoamericana. Não sei dizer quanto a sexualidade ou ao gênero. Nos últimos anos venho experienciando uma desidentificação com algumas identidades que outrora fizeram sentido. Sei que não sou hetero. *Longe de mim um negócio desses*. Entendo que as identidades não comportam uma vida, mas, mesmo assim, são necessárias para a construção de demandas coletivas e a reivindicação de direitos sociais. Mesmo assim, acho que é preciso ter certo cuidado com elas. Talvez tão importante quanto se identificar, seja poder se desidentificar.

Por um bom tempo da vida adulta me entendi como lésbica, mas nunca senti que esse nome servia totalmente. Primeiro, porque na minha vida de criança-adolescente-adulta LGBTI+ sempre me pegou mais a questão das normas de gênero do que da sexualidade. Segundo, porque quando me aprofundei nos estudos de sexo-gênero, reivindicar minha mulheridade deixou de fazer sentido. E se lésbicas são mulheres que se atraem por outras mulheres, será que é por aí que vou? Não conseguia pensar em um ponto que me fizesse mulher tirando o fato de

ter sofrido com os efeitos do machismo. Parece que nunca foi natural ser mulher, não veio sem esforços. Foi necessário um conjunto de dispositivos reguladores para me transformar nessa coisa-mulher. Mecanismos que intervieram no meu corpo tanto pela via do discurso, quanto pela via da carne.

Afinal, se as posições “homem” e “mulher” fossem tão naturais e espontâneas assim, porque precisariam da ajuda de tantas disciplinas (biologia, psicanálise, pediatria e muitas outras) para garantir um status legítimo? (Favero, 2022, p.180).

E, mesmo assim, cá estou eu sem saber como me posicionar. O tema que escolhi para esse trabalho se relaciona diretamente com esse meu incômodo. Admitir que nossa vontade é parte relevante da nossa produção de conhecimentos é uma preocupação ética. É uma decisão que pode nos distanciar de epistemologias coloniais que dizem *descobrir* verdades universais e que acreditam que podem se isentar de seus próprios desejos quando criam saberes sobre o outro. Seguindo o que pensa Donna Haraway, “Eu – nós – assim como toda a prole das histórias imperiais e colonizadoras devemos reaprender a conjugar mundos em conexões parciais, e não em universais e particulares (Haraway, 2023, p.29).

Hoje se preciso marcar um quadrado em uma ficha, coloco não-binário. Na ausência dessa opção, deixo em branco para quem se importar o suficiente decidir. Talvez a não binariedade seja a identidade que mais se aproxima da minha vida. Mas, sinceramente, eu não curto a palavra. Acho meio sem graça. Me desagrada ser um “não” seguido de “binariedade” – justamente a questão que gera todos esses incômodos. Já me perguntaram algumas vezes em tom de piada “qual letra do LGBTI+ tu é?”. Chega a ser engraçado, mas também é meio cansativa essa demanda constante de responder para o outro quem a gente é – como se fosse possível ter essa certeza. Eu amo a resposta de Paul B. Preciado para essa questão – mas não tenho coragem de adotar porque acho tão chique que me sinto arrogante:

Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo tecnocientífico (PRECIADO, 2019, p.14).

Hoje vou me inspirar na construção das identidades *queer*, bicha, travesti, sapatão, etc, que se apropriaram de palavras que nasceram como ofensas e as ressignificaram como identidades de orgulho.

Sou, então, machorra: meio macho, meio cachorra – por sorte, meio bicho.

(Me reservo o direito de mudar de ideia, amanhã posso ser outras coisas)

### **3.2 Experiência na Extensão**

Ao longo da graduação fiz estágio na Fundação de Proteção Especial do RS e na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS. Mas, nessa escrita, quando falo da minha experiência profissional, me refiro ao tempo que trabalhei como bolsista no Centro de Referência em Direitos Humanos da UFRGS (CRDH) – projeto vinculado ao Centro interdisciplinar de pesquisa e atenção à saúde (CIPAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É um projeto de extensão universitária que presta atendimento à população LGBTI+ e/ou pessoas vivendo com HIV+, atuando na direção da garantia de direitos e promoção da cidadania. O CRDH existe desde 2011, mas eu ingressei apenas em 2022, no momento em que o projeto passava por uma reestruturação devido ao direcionamento de recursos conseguidos via emenda parlamentar. É formado por uma equipe multiprofissional de modo a disponibilizar um olhar mais integral aos sujeitos atendidos. Os profissionais e estudantes que compõem o projeto foram escolhidos por meio de um edital público, que priorizava suas experiências nas áreas dos direitos humanos e nas temáticas LGBTI+. Fomentado financeiramente com recursos públicos, se tornou o primeiro serviço de referência à pessoas LGBTI+ e vivendo com HIV/aids em Porto Alegre ofertado por uma instituição pública.

Atualmente, o CRDH tem suas atividades voltadas ao (1) acolhimento, escuta e encaminhamento das demandas de pessoas LGBTI+ e/ou vivendo com HIV/aids, através do atendimento individual proporcionado por equipe interdisciplinar (Serviço Social, Direito, Psicologia e Enfermagem), (2) à formação e capacitação continuada de profissionais da rede de serviços de saúde e socioassistenciais sobre as

temáticas de gênero e sexualidade, (3) ao atendimento coletivo das populações já citadas, através de grupos e oficinas e também ao (4) apoio matricial para equipes da rede pública.

Nesse projeto, tive a oportunidade de trabalhar com pessoas cujas histórias foram interpeladas pelo problema do paradigma da diferença sexual<sup>14</sup>. Ao entrar em contato com as demandas comuns da população LGBTI+ por políticas públicas e também com suas histórias – que materializam diversas violações de direitos humanos – pude perceber como o regime cisheteronormativo produz processos de exclusão e sofrimento sistemáticos sobre essa população. Um serviço de atendimento especializado à determinada população se faz necessário na medida em que a rede falha, vulnerabilizando grupos que, no encontro com dispositivos que visam a garantia de direitos, como serviços de saúde e assistência, têm seus acessos dificultados e até barrados. Evidenciando assim, sentidos cristalizados sobre essas vidas que são historicamente marcadas pela sistemática lógica de dominação étnico-racial, gênero, sexualidades, classe social, etc.

No que se refere aos atendimentos de saúde mental, fica nítido como o frequente olhar patologizante sobre as vidas LGBTI+ contribuem para que os serviços operem em uma lógica manicomial de internação, privação de liberdade e consequente perda de direitos - como ir à escola e acessar outros serviços de promoção de saúde e moradia. Entre as principais demandas do público atendido por nós estão a insegurança alimentar e o desemprego, especialmente quando analisamos as demandas de pessoas marcadas pelas violências do racismo e cujas performances de gênero não correspondem à cisnorma.

Muitas das questões que suscitaram esta escrita, estão relacionadas com a minha experiência no CRDH. Algumas situações chamaram mais minha atenção do que outras por terem se repetido nos atendimentos que participei. As histórias de

---

<sup>14</sup> Importante pontuar que não apenas as vidas LGBTI+ são interpeladas pelo problema do paradigma da diferença sexual, viviane v. (2016, p. 264) traz que: “os processos cisheteronormativos produzem consequências mais amplas que aquelas violências direcionadas a comunidades e pessoas trans travestis: nesse sentido, os seus efeitos não se restringem a estas comunidades e pessoas marginalizadas, mas normatizam e monitoram vidas cisgêneras também (de distintas maneiras). Poderíamos pensar em como as normas de gênero afetam vivências cisgêneras, no sentido das regulações sobre suas expressões de gênero e das limitações colocadas à sua autonomia corporal (especialmente em relação a mulheres cisgêneras), entre diversos outros dispositivos cisheteronormativos.”

crianças e adolescentes trans que estão afastados da escola são exemplos importantes para a construção deste trabalho. Atendi, pelo projeto, diversos casos de adolescentes que, em pleno 2023, estavam vivendo como no período de isolamento social da pandemia de COVID-19, isolados em casa supostamente recebendo as matérias de forma remota. Ao questionar cenários como esse, a resposta tanto dos sujeitos em questão, quanto de seus familiares, médicos ou da própria escola era a mesma: eles não estão conseguindo ir para aula por questões de saúde mental, sobretudo ansiedade e depressão. Mas não se tratavam de momentos pontuais, alguns estavam sem ir ao colégio há mais de ano. Algo que aumentou meu incômodo foi descobrir que todos, sem exceção, tinham laudos psiquiátricos justificando essa ausência e a impossibilidade de participar presencialmente das atividades. Essas cenas se repetiram tanto, que os próprios familiares ao conversarem entre si sobre seus filhos, filhas e filhas, naturalizaram essas situações quando se deram conta que era uma experiência compartilhada.

O que me parece estar em jogo nesse cenário – mas ardidamente escondida – é, na verdade, a falha das instituições, que deveriam promover saúde e educação, em garantir os direitos da população trans. Nomear as violências transfóbicas como *bullying* e utilizar o discurso de cuidado para aceitar os laudos como justificativa da “incapacidade” dos alunos para lidar com esse conflitos, é atuar pela lógica da patologização. É a recusa da escola em tomar essas ausências como um problema seu. Ao não assumir a responsabilidade de acolher a diversidade sexual e de gênero, acaba por operar uma lógica capacitista que individualiza o problema nos sujeitos – tornando-os alvo de uma política ativa de exclusão social. São os dispositivos da escola e da medicina fazendo a manutenção do paradigma da diferença sexual – garantindo, não os direitos das pessoas, mas o poder da cisheteronormatividade.

#### **4. CONTRADIÇÕES EM CENA**

Pela metade do ano passado, li um tweet do Elon Musk no qual dizia que ia doar uma quantidade gigantesca de dinheiro para *proteger as crianças de procedimentos cirúrgicos e terapias hormonais*. Nessa situação, o homem mais rico

do mundo se referia às intervenções feitas em crianças trans. No entanto, tais procedimentos não acontecem. Falas como a de Musk são estratégias para instaurar o pânico moral e incitar pensamentos conservadores em relação ao assunto. São fake-news alarmantes que associam as identidades trans à degeneração. “Não é a transexualidade que é assustadora e perigosa, mas o regime da diferença sexual” (Preciado, 2022 p.43). Discursos como esse fazem parte da ofensiva anti-gênero que ganhou força na última década (Prado, Corrêa, 2018; Junqueira, 2018). Como exemplo desse tipo de prática, podemos citar o “kit gay”, uma ficção inventada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e que teve grande repercussão midiática. O projeto que existia era o “escola sem homofobia” que, na fabulação de Bolsonaro, se transformou em um kit com itens para conversão homossexual, ganhando materialidades surreais como a famosa ‘mamadeira de piroca’.

A ironia dessa história é que enquanto são produzidos discursos como esses que acabei de citar, de fato existem bebês, crianças e adolescentes passando por cirurgias e procedimentos. Mas não são as trans, são as intersexo e as cisgêneras. Pessoas intersexo são submetidas a inúmeros procedimentos estéticos de normalização genital ainda recém nascidas. Crianças com diagnóstico de TEA<sup>15</sup> recebem bloqueadores hormonais para atrasar a puberdade. Adolescentes cisgêneras colocam silicone, fazem lipoaspiração, clareamento genital. O Brasil é líder mundial no ranking de cirurgias plásticas em jovens. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), dos quase 1,5 milhão de procedimentos estéticos feitos em 2016, 97 mil foram realizados em pessoas com até 18 anos<sup>16</sup>. Pessoas cisgêneras realizam procedimentos de afirmação de gênero o tempo todo. Então, esse discurso que ataca as demandas da população trans, sob a justificativa do cuidado com a saúde, não cola.

Não estou aqui demonizando nem defendendo procedimentos estéticos. Estou apontando para a dupla medida que existe nas decisões sobre quem pode modificar o corpo. Para uma pessoa trans adulta realizar procedimentos de afirmação de gênero pela rede pública, é necessário passar por uma série de

---

<sup>15</sup> Transtorno do Espectro Autista, de acordo com o DSM-V.

<sup>16</sup> Fonte: reportagem do Jornal da USP, disponível em:

<https://jornal.usp.br/atualidades/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>

processos e profissionais da saúde que vão determinar se ela é mesmo do gênero que afirma ser. Como se um profissional pudesse prever futuros arrependimentos ou pudesse saber a *verdade* sobre o outro. Quando a pessoa está disposta a corresponder a cisheteronorma, nenhum desses argumentos é levantado diante do desejo de intervenções corporais. Tampouco são produzidas fake-news cabeludas para impedir tais procedimentos. Vê-se, com isso, que os dispositivos da saúde – psicologia inclusa – atuam como guardiões da diferença sexual. O critério que baliza determinadas decisões médicas sobre os corpos não é só o cuidado com a saúde dos sujeitos, mas também, sua relação de conformidade com a cisheteronorma (Schiavon<sup>17</sup>, Favero e Paula, 2020).

A seguir, pretendo construir cenas que tensionem contradições dos dispositivos que fazem a manutenção desse paradigma. Essas cenas são narrativas construídas a partir da minha experiência pessoal e profissional – foram ficcionadas em cima de incômodos que marcaram minha escuta. São breves histórias criadas por mim para contar sobre outras histórias. São exercícios de *SF*<sup>18</sup>. Não são descritivas, nem literais. Não tem como propósito relatar situações. O ponto gerador de cada uma é o detalhe conflituoso de uma outra. São interpretações. Minha intenção, ao utilizá-las, é produzir afetamentos em quem as lê – para assim, movimentar estranhamentos e provocar questões. Todas foram escritas em primeira pessoa para causar a sensação de que são as próprias personagens contando suas histórias, de modo que quem for ler possa experimentar as situações a partir da perspectiva de cada uma.

#### **4.1 Não temos tempo agora**

Já cansada da semana, naquela sexta-feira decidi me esticar no sofá da sala dos professores para aproveitar os últimos minutos do meu intervalo. O silêncio da hora da soneca da turma dos pequenos era o momento mais tranquilo do dia naquele pequeno colégio de ensino fundamental. Estava particularmente estressada nesse dia devido às inúmeras reuniões com familiares que tive ao longo da semana.

---

<sup>17</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, Amanda de Almeida Schiavon pesquisa intersexualidades e também orienta esta escrita.

<sup>18</sup> Conforme o capítulo “Entre SFs, Fabulação Crítica e Fabulação Especulativa”.

*Aqueles pais e mães cobrando coisas sem sentido da escola, tenho a sensação que a maioria nem conhece seus filhos. Não sabem lidar com as crianças e delegam a responsabilidade para nós, as professoras.* Botei meu headphone e selecionei o novo álbum de Ana Frango Elétrico para tocar. De olhos fechados, balançava discretamente a cabeça de um lado para o outro ao som de “Mulher Homem Bicho” quando uma mão encostou no meu ombro. *Amanda. Os pais da Júlia tão aqui, querem conversar contigo. Pedi para que aguardassem na 304. Estão te esperando lá.* Respirei fundo, dei pause na música e me levantei devagar. *Tá, vamos lá.* Com todo meu esforço, estampeei um sorriso no rosto e abri a porta da sala 304.

- Boa tarde, tudo bem? A diretora me disse que vocês queriam falar comigo, aconteceu algo com a Júlia?
- Oi, boa tarde! Bem, não exatamente. Queríamos falar contigo para atualizar algumas novas combinações sobre a Júlia. Como você sabe, ela já tem onze anos e estamos muito preocupados com a chegada da menstruação. A gente teme que seja *coisa demais* pra ela lidar. Por isso, conversamos com o psiquiatra dela e juntos decidimos que é melhor atrasar um pouco a puberdade.
- Atrasar a puberdade? Mas como assim?
- Com bloqueadores hormonais. Explicamos ao médico nosso receio e ele sugeriu essa possibilidade. Ela inicia o tratamento semana que vem. Achamos melhor avisar a escola para auxiliar na administração dos medicamentos, já que na terça e na quinta ela passa o dia inteiro aqui. Não sabemos ainda o que vamos dizer pra ela, então quando a gente definir, comunicamos a vocês. Pensamos em falar que são vitaminas.
- Ah... Vocês querem que *eu* dê esses bloqueadores para ela?
- Isso. Nos dias de turno integral. Podemos trazer a receita, se for necessário.
- Ta... Por que vocês acham que ela não vai conseguir lidar com a menstruação? Não é questão de tempo até ela se acostumar?
- Você sabe que com a Júlia as coisas não são *normais*. A nossa rotina em casa já está complicada agora, imagina mais isso? Nós dois trabalhamos o dia inteiro. Tenho me atrasado muito pelas manhãs quando ela demora meia hora para vestir o uniforme.

- E será que não seria melhor esperar vir a menstruação e ver como ela reage antes de tomar essa decisão?
- A decisão já foi tomada. O médico concorda conosco e semana que vem ela já começa. O papel da escola é ensinar, não é questionar decisões médicas.
- Entendo. Não sei o quanto me sinto confortável em fazer isso... Se ela perguntar o que é o remédio, devo mentir?
- Professora Amanda, ela é uma criança e é autista. Não tem condições de entender a explicação, portanto não é sobre mentir. Sabemos que vocês são muito vinculadas e facilitaria muito se nós estivéssemos todos no mesmo barco, pelo bem da Júlia. Não gostaria de ter que marcar uma reunião com a diretora.
- Entendo. Peço que pelo menos me tragam a receita médica, então.
- Ok. Obrigada.
- Preciso ir, meu intervalo acabou. Tchau, boa tarde!

Passei o final de semana inquieta. Colégio particular tem essa particularidade insuportável. Se discordamos da família, ameaçam nos demitir. *Como que vou dar bloqueadores hormonais para uma menina que pensa estar tomando vitaminas?* Para minha surpresa, na semana seguinte, recebi um email dos pais de Júlia me contando que no final das contas ela menstruou naquele final de semana. Por isso, junto com os bloqueadores estariam mandando absorventes. Pediam minha ajuda para auxiliá-la a usá-los. *Vão seguir com o plano mesmo assim?* Pensei.

Assim que pisei na sala de aula, na segunda-feira de manhã, Júlia veio correndo me contar a novidade. Toda faceira anunciou que agora já era adolescente e sua mãe tinha lhe dado vários pacotes de um negócio chamado absorvente. Visivelmente animada, passou a manhã falando disso sempre que possível. Pintou todos seus desenhos com a cor vermelha naquela semana, orgulhosa do novo feito de seu corpo. Desenhos, pinturas e até em uma atividade que fizemos com lã, escolheu a cor vermelha "igual meu sangue", dizia. A reação de Júlia não parecia nada com aquela antecipada pela família, pelo contrário. Apesar disso, o tratamento com os bloqueadores seguiu conforme combinado.

Dois meses depois, acompanhei Júlia em uma atividade da aula de artes. Ela precisava de ajuda para montar uma fantasia de Halloween. Cada aluna e aluno escolheram um personagem da Patrulha Canina para que juntos confeccionassem

cada look. Júlia não queria participar da fantasia coletiva, queria ir de vampiro. Depois de muitas tentativas de convencê-la a se juntar à turma, desisti e começamos a fazer a roupa que desejava. Me empolguei na ideia e sugeri que a gente botasse sangue falso na boca da vampira. Na hora, a menina murchou. Ficou subitamente quieta e continuou cortando o tecido que serviria de capa.

- *O que aconteceu Júlia?* Perguntei.
- É que eu perdi o meu.
- O seu o que?
- Meu sangue.

#### **4.2 Uma entrada tranquila**

Fazia calor em Porto Alegre quando, no início de uma noite qualquer, peguei sorrateiramente o celular de minha mãe e me atirei no sofá. Eu estava sem crédito e queria mandar uma mensagem para meu namorado – sim, nessa época ainda não existia whatsapp nem smartphones, pelo menos não no Brasil. Despreocupada, abri o aplicativo de SMS. Fiquei muito confusa, logo na caixa de entrada... uma mensagem de meu pai! Detalhe importante para explicar o motivo do espanto: meus pais eram divorciados há anos e não mantinham muito contato. Não me contive, naquela hora a curiosidade foi mais forte que a ética e precisei clicar na mensagem. Na pequena tela no Nokia 5200, branco com as laterais azuis, a frase que tirou meu ar nos momentos seguintes:

*“Fudeu. Como vamos contar pra ela?”*

*Pronto, pensei. Vou morrer. Vou morrer.* Com certeza descobriram uma doença terminal. Comecei a chorar em desespero. As soluçadas foram ficando cada vez mais altas e desaguei na sala, sozinha. Outro detalhe importante para o contexto dessa história é que nos meses anteriores a essa situação, minha mãe estava me levando em diversos médicos e médicas e me acompanhando em exames dos mais variados tipos. A real é que eu não estava dando muita bola, só imaginei que estava tudo certo e eram exames de rotina que nunca tinha feito ou

algo assim. Achava um saco e não entendia o motivo, mas não sentia que deveria questionar.

Com a certeza da morte iminente e o rosto completamente inchado devido ao choro desenfreado, me dirigi ao quarto da minha mãe segurando o celular com a mensagem aberta e, quase sem voz, perguntei:

- *mãe, o que é isso? o que eu tenho?*

*Por quê? Por que motivo fui perguntar.* Sem responder nada minha mãe caiu no choro. Um choro mais assustador que o meu – mais alto e mais desesperado – o que só confirmou minhas suspeitas. *Vou morrer.* Durante o que pareceu uma hora, mas imagino que tenha sido uns cinco minutos, eu e minha mãe choramos alto dentro do quarto abafado daquela noite aleatória. Quando enfim o ar voltou aos seus pulmões e ela foi capaz de formular uma frase, me disse:

- *Você não vai poder ter filhos. Você não tem útero.*

E logo emendou:

- *Mas isso não te faz menos mulher!*

Um grande alívio tomou conta do meu corpo. O choro cessou e uma risada genuína escapou da minha boca. *É isso? É só isso? Quer dizer que eu vou viver?! Não acredito que minha mãe ficou nesse estado por conta disso.* Nunca na vida tinha me imaginado ficando grávida. Pelo contrário, sempre estive presente em mim a certeza de que eu não ficaria, nunca foi uma possibilidade. Já mais tranquila e com a perspectiva de vida renovada, ressoou em mim a parte da conversa em que minha mãe disse “mas isso não te faz menos mulher”. Olha, para mim isso era completamente óbvio e me pareceu quase ridículo ouvir assim dessa forma. Mas, na medida que o tempo foi passando, entendi que minha mãe disse aquilo mais para ela mesma ouvir, do que para mim. Afinal, para ela, de fato, aquilo me fazia menos mulher. Ser mãe é, talvez, a maior validação de mulheridade, não só para ela mas, mas na nossa sociedade de modo geral. Então, reafirmar aquilo em voz alta foi um exercício enorme de autoconvencimento.

Nas semanas que seguiram, fui à médica, agora já sabendo da situação, para que ela pudesse me explicar direitinho todas as implicações e detalhes que

minha família não conseguiu abordar comigo. Foi assim que, na consulta, a ginecologista me disse que devido ao fato de eu não ter útero, eu também não tinha um canal vaginal. *Eita, agora o bicho pegou. C-O-M-O-A-S-S-I-M-?* Meu mundo caiu. Será que isso complementava o nervosismo que estava por trás da fala de minha mãe? *mas isso não te faz menos mulher.* Enquanto minha mente viajava a mil por hora, a médica pegou um molde anatômico e seguiu a explicação.

- Oh, aqui: como você não tem útero, o canal não se formou. Mas você tem ovários, tanto que a produção de hormônios não foi afetada, você desenvolveu as características secundárias normalmente. Tem o ciclo, mas não menstrua. Mas não se preocupe, existem *soluções*. Tem mais de um procedimento cirúrgico que constroem esse canal para que tenha a profundidade média para a *entrada tranquila de um pênis*. Chama-se *neovagina*. Também existe um tratamento com dilatadores, que aos poucos vão ampliando o canal até que alcance um tamanho normal. No seu caso, a cirurgia é necessária porque você não tem nenhuma profundidade e, para o tratamento com dilatação, é preciso ter um parâmetro mínimo.

No ano seguinte, fiz a cirurgia. Não pensei muito sobre, entendi que era o que se fazia. Eu tinha uma “síndrome”, um problema, cuja *cura* era essa. Foi um “sucesso”. Ou, em outras palavras: agora cabia em mim um pênis cujo tamanho se enquadrava dentro da média considerada normal – mas cá entre nós, um dos menorzinhos. Não me fizeram passar por nenhum processo terapêutico, nem qualquer avaliação que buscasse garantir que eu não me arrependeria da intervenção cirúrgica, como sei que fazem com mulheres trans, por exemplo. Tampouco examinaram minha história e a relação com minha expressão de gênero – até por que acho que se tivessem, eu provavelmente nem teria passado no teste de mulher.

Um tempo depois, em uma consulta de rotina na ginecologista, a médica perguntou se eu estava namorando, respondi que sim e, enquanto ela comemorava o fato, complementei: com uma mulher. Passados os segundos de surpresa, no tom de voz de quem se diverte com as ironias da vida, me disse:

- Olha só... nem precisava ter feito a cirurgia então!

### 4.3 Um pouco menos de quinze centímetros

*Primeiro eu marco com um lápis. Aí dobra... Já corto direto será? Ah, não. Faço dois pequenos cortes, um de cada lado e aí só agora... vou ... cortando... até encontrar a outra extremidade. Pronto. Ixi. Ficou torta. Será que dá pra notar? Segurei a blusa de frente para o espelho. É.. não ta reta, mas ficou legal.* Era o primeiro dia na escola nova e queria chegar com um lookinho preza. A minha camiseta já desbotada da Billie Eilish agora era uma cropped. Acordei mais cedo naquela segunda para conseguir fazer a estilização que vi em um vídeo no tiktok. Minha calça jeans de sempre, o cinto de dois furos que comprei na shopee, a camiseta – agora cropped – e meu look estava pronto. Me vesti, comi um pedaço do bolo que minha mãe havia deixado para mim e saí correndo para a aula. Avisei por whatsapp que já estava a caminho, botei no fone “All the good girls go to hell” em homenagem à minha blusa nova e descansei a cabeça no vidro do ônibus.

Na entrada do colégio já senti algo estranho. Não consegui nomear de primeira, mas senti como se o tempo estivesse passando excessivamente devagar. O segurança desviou o olhar quando fui cumprimentá-lo. *Alguém dormiu de calça jeans*, pensei. Segui meu caminho procurando minha nova sala de aula. Estudei a vida toda em escola pública, era a primeira vez que entrava em uma particular. Geral era tudo meio parecido, claramente eu seria uma das mais estilosas. Passei por duas meninas usando crocs, cheios daquelas coisinhas que bota pra enfeitar. *Várias pinta básica. Talvez fosse essa a sensação. Meu look tá chamando atenção.* Um sorriso brotou no canto da minha boca. Enquanto andava fantasiando com os próximos lookinhos da semana, uma mulher me cutucou.

- Oi, com licença. Você é aluno novo?
- aham.
- Ah, perfeito. Me chamo Lourdes, sou a orientadora pedagógica. Estamos procurando todos que iniciam hoje para conversar uns minutos, apresentar a escola e as regras da escola.
- ah, beleza.

A moça puxou um papel com algo que parecia uma lista de nomes, todos já riscados

- hmmm, deixa eu ver... ah, tu é o último! Então imagino que teu nome seja Gabriela! Opa, Gabriel! Devo ter anotado errado.
- É Gabriela mesmo, na real. Mas uso mais gabi.
- Ah, ahmm.... Ta-a.. Pode vir comigo, t-tu.

*Ih lá vem. Cara ajeitei tudo certinho nos documentos pra não encherem o saco... mas tá.* Acompanhei a tal da Lourdes pelos corredores. Ela andava depressa e eu tinha que acelerar para me manter ao seu lado. Seguimos nesse pique por uns cinco minutos até que entramos no que parecia ser uma sala de aula antiga que agora servia para outras coisas. O ambiente tinha cheiro de mofo e no chão tinham diversas almofadas. Sentadas em algumas dessas almofadas, tinha meia dúzia de novas alunas.

- Olá meninas, desculpe a demora, encontrei ... quem tava faltando!

Dei um aceno de oi, para o qual todas responderam animadas sorrindo. Me sentei junto ao grupo em uma das almofadas disponíveis. *Já perdi uns minutos da aula de português.* Observei a orientadora bater uma das almofadas para em seguida se juntar a nós.

- Bom, primeiramente quero desejar as boas vindas a todos vocês! Para evitar confusões logo de início, vou começar lendo as regras principais do colégio!
  1. É proibido fumar nas dependências da escola.
  2. O aluno deverá apresentar-se na escola devidamente vestido. De preferência usando camisetas básicas, calça comprida, bermuda ou saia. Para as meninas: não é permitido short e saia curta, nem decotes. Não é permitido transitar pelas dependências da escola sem calçados.
  3. Quando esse combinado não for cumprido, na primeira vez será orientado pelos monitores, na segunda será registrado no livro de ocorrência e o aluno poderá assistir às aulas. Na terceira vez a família será avisada e a entrada na sala será proibida ....

A partir da terceira eu já não estava prestando atenção em mais nada. *Meninas não podem usar roupas curtas? em que ano estamos? 1990? A primeira*

*regra é que não pode fumar e a segunda é que tem que se vestir igual crente.* No meu ex colégio não tinha nada disso, meu amigo já foi até de pijama pra aula. A professora não gostou, mas ele foi igual e ainda pôde assistir a aula. Por fim, Lourdes interrompeu meus pensamentos e anunciou o fim daquele momento *importantíssimo*.

- É isso. Essas são as regras principais! Mas lembrem que o professor é quem dita tudo dentro da sala, viu? hahaha. Podem ir para suas aulas, já passou bastante tempo, seguimos com *tour* depois.

Aliviada me levantei do chão e me dobrei para pegar minha mochila. Quando me estiquei novamente, de frente pra mim estava a *chatinha* Lourdes. Já tinha pegado ranço.

- Você eu vou pedir que aguarde um pouco mais. Tenho que entrar em contato com a sua mãe, devo ter confundido alguma coisa na documentação da matrícula. Já vou pedir para ela trazer outra camiseta, essa aí não pode usar, deixa a metade da barriga de fora!

Permaneci ali, imóvel. *Incrédula com a viagem no tempo que tinha acabado de experimentar. Sério que vão atrapalhar minha mãe no trabalho? Ela vai me matar... mas como eu ia imaginar?*

Quase uma hora depois, meu celular tinha 20% de bateria e não aguentava mais de tédio. *Podia estar esperando na aula.* Minha mãe entra na sala. A azeda da Lourdes estende a mão para cumprimentá-la e a direciona rapidamente para fora da sala. *Ah pronto. Mais quantas horas vou ficar aqui mofando junto com essas almofadas?*

Uma hora e meia se passa quando minha mãe me chama para fora da sala. Sua cara não é das melhores. Um olhar confuso, tipo de quem ficou doze horas maratonando série.

- Ta e ai mãe, qual foi? Não entendi nada de nada.
- Vem, vamos para casa. Amanhã tu começa as aulas.
- Que? Mas vou perder o dia que todo mundo se conhece! Amanhã vou chegar e ficar super perdida!
- Não sei o que pensei dessa mulher...

- Da Lourdes?
- É... Ela me deixou bem preocupada. Não sei se ela está certa ou... talvez eu esteja sendo negligente? Enfim... Uma coisa é fato, nada de cropped no resto do ano.
- Jura? que foi só por conta disso?
- Não foi só isso. Ela achou que você estava mentindo quando corrigiu o nome para o feminino. Queria saber se eu estava ciente disso, que tinha responsabilidade de avisar a família caso o aluno estivesse se colocando em risco. Disse que era importante a escola manter diálogo com a tua psicóloga, chegou até a pedir o contato. Quando disse que você não fazia terapia ela se apavorou. Perguntou a quanto tempo começaram as questões de gênero e disse que era importante que você conversasse com um profissional.
- Que mulher doida, nem conversou comigo direito e quer largar essa letrinha.
- É... Mas não sei, fiquei pensando... Do jeito que ela falou, senti que talvez eu deveria ter sido mais cuidadosa. Ela disse que você precisava ser acolhida por alguém que fosse especialista nisso. Que era arriscado deixar você mudar de nome e usar essas roupas sem antes ter certeza que isso não é uma fase, porque depois não tem volta. Que se eu não te levasse ao psicólogo, teu arrependimento seria minha responsabilidade. Que era perigoso você sair assim porque podiam te agredir na rua. Perguntou se você usava muito tiktok porque parece...
- TÁ, pera! Calma. Que isso? Tu não vai levar a sério essa bobajada né?
- Ela trabalha com isso, como não vou levar a sério? Já sou mãe solo, direto julgam minhas decisões sobre a tua criação. Não. Não vai fazer mal te levar para algumas sessões, pelo menos para dar um retorno para escola.
- Eu não quero ir. Vi um vídeo esses dias que contava como ainda tem vários casos de psicólogos que faziam a cura gay, mesmo sendo proibida! Tá maluca? Não vou de jeito nenhum.
- Vai sim. Ela já me passou um contato, vou marcar ainda hoje.
- I-N-A-C-R-E-D-I-T-Á-V-E-L. Inacreditável.

Parece piada de mau gosto. Não vou esquecer de hoje: *O dia em que a ausência de 15cm de tecido me levaram ao tratamento psicológico!*

## 5. HISTÓRIAS DO PARADIGMA

Historiografar é entender que as histórias dominantes são violências epistêmicas (Favero, 2022, p.208)

Em 2019, Paul Preciado<sup>19</sup>, ao ser convidado a falar na Jornada Internacional da famosa instituição psicanalítica “Escola da Causa Freudiana em Paris”, trouxe em seu discurso que:

O regime da diferença sexual que as senhoras e os senhores consideram como universal e quase metafísico, sobre o qual repousa e se articula toda teoria psicanalítica, não é uma realidade empírica, nem uma ordem simbólica fundadora do inconsciente. Não é nada mais que uma epistemologia do ser vivo, uma cartografia anatômica, uma economia política do corpo e uma gestão coletiva das energias reprodutivas. Uma epistemologia que se forma junto com a taxonomia racial do período de expansão mercantil e colonial europeia e se cristaliza na segunda metade do século XIX. **Essa epistemologia, longe de ser a representação de uma realidade, é uma máquina performativa que produz e legitima uma ordem política e econômica específica: o patriarcado hetero colonial** (Preciado, 2022, p. 49).

Nessa fala, o filósofo apresenta para uma plateia de psicanalistas como a estrutura sexo-gênero se trata de uma epistemologia que atua como um dispositivo político do patriarcado hetero colonial. Com isso, podemos pensar o regime da diferença sexual como um produtor de necropolítica<sup>20</sup>, ou seja, como um sistema que exerce poder através da gestão e manipulação da morte. Tanto pela imposição direta da morte física – por meio de violência, genocídios, guerras, etc – quanto pela criação de condições que tornam a vida indigna de ser vivida – através da exclusão social, negligência, privação de direitos básicos etc. O conceito de necropolítica foi

---

<sup>19</sup> Paul B. Preciado, é um filósofo espanhol, teórico queer, escritor, ativista e curador de exposições espanhol. Preciado é reconhecido por suas contribuições significativas no campo dos estudos de gênero, sexualidade, teoria queer e políticas corporais. É autor de obras influentes, como "Manifesto Contrassexual" e "Testo Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica", nas quais explora temas relacionados à identidade de gênero, normatividade sexual, farmacopornografia e poder político.

<sup>20</sup> Achille Mbembe é um renomado teórico político, historiador e filósofo camaronês, nascido em 1957. Ele é conhecido por suas contribuições significativas para os estudos pós-coloniais, teoria crítica e políticas contemporâneas. Entre suas obras mais conhecidas está "Necropolítica", na qual ele introduz o conceito que leva o mesmo nome. Mbembe explora como certos regimes políticos exercem controle sobre a vida e a morte, além de discutir a relação entre poder, soberania e o uso da violência.

inventado por Achille Mbembe, no ensaio “Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte”, e pode, brevemente, ser explicado assim:

**A morte, enquanto um objeto de gestão, foi apropriada pelo poder político**, o qual não se limita apenas em indicar medidas sobre como a vida deve ser gerida, mas também apontar como devemos morrer e quem deve morrer. E mais: em certos territórios, os indivíduos vivem a partir de níveis tão mínimos de sobrevivência que a distinção entre vida e morte é muito sutil. Assim, o risco da morte torna-se presente o tempo todo. E essa é a marca central da necropolítica (Bontempo, 2020, p.559).

Preciado provoca a psicanálise colocando-a como “uma tecnologia de normalização heteropatriarcal e de legitimação da violência necropolítica” na medida em que não reconhece sua posição situada na naturalização da cisheteronorma. Consequentemente, sendo responsável, junto com outros campos de saber, a consolidar parâmetros de normalidade. Parâmetros que têm como efeito direto a produção de vidas abjetas – sobretudo daquelas que se constituem como exterior constitutivo para além do paradigma da diferença sexual. Como aponta Berenice Bento<sup>21</sup>, “o processo de naturalização das identidades e a patologização fazem parte do processo de produção das margens, local habitado pelos seres abjetos” (Bento, 2011, p.553). Ao fazer essa incitação, Preciado (2022, p.89) implica a psicanálise na sua responsabilidade ética em começar um “processo de despatriarcalização, deseterossexualização e descolonização – como discurso, narrativa, instituição e prática clínica”.

Mesmo não sendo a ênfase deste trabalho, apresento o exemplo da psicanálise por ser um campo pelo qual me interesse e através do qual me aproximei no estágio de atendimento clínico. Onde pude experimentar na prática, em seminários e discussões de caso, como a teoria psicanalítica – apesar de parecer estar passando por um momento importante de autocrítica – ainda funciona como um dispositivo da colonialidade. Que, entre outros fazeres, também atua na manutenção da cisgeneridade e da heterossexualidade como ideais da constituição psíquica saudável. Em sintonia com o que Sofia Favero traz em seu livro Psicologia

---

<sup>21</sup> Citação do texto “Na escola se aprende que a diferença faz diferença”. Berenice Bento é uma renomada pesquisadora, ativista e professora brasileira conhecida por seu trabalho acadêmico e ativismo na área dos estudos de gênero, sexualidade, raça e feminismos. Seus estudos têm foco na análise das dinâmicas sociais que perpetuam a desigualdade, a discriminação e a violência, especialmente contra mulheres, pessoas LGBTQ+ e minorias étnicas. Bento também é reconhecida por sua atuação como ativista, participando ativamente de movimentos sociais e contribuindo para debates e reflexões sobre políticas públicas e direitos humanos no Brasil.

Suja: a heterossexualidade “é um processo de subjetivação que busca garantir seu caráter de natureza. Assim o fluxo da vida é entendido como o fluxo da heterossexualidade” (Favero, 2022, p.72) que, como coloca viviane vergueiro, está colado à cisgeneridade:

A cisnormatividade estaria alinhada à heteronormatividade na medida em que se constitui pelas práticas e instituições que **legitimam e privilegiam a cisgeneridade como corporalidades e identidades de gênero naturais e mentalmente saudáveis**; tais práticas organizam, entre outros fatores, moralidades, ideais de família e Estado, bem como as possibilidades políticas de pensarmos as diversidades corporais e de identidades de gênero (viviane v., 2016, p.264).

Diversas outras instâncias e instituições funcionam como mecanismos de manutenção do paradigma da diferença sexual, como, por exemplo, as prisões, a medicina, as escolas, o Estado, as grandes mídias, algumas religiões, entre outras. No entanto, neste trabalho pretendo focar nos dispositivos da área da saúde. Sobretudo na medicina que não só tem um papel central na patologização das vidas dissidentes na modernidade, como também insiste em seguir produzindo verdades sobre essas. Ela ocupa uma posição quase que religiosa na sociedade moderna ocidental. Seguimos suas histórias como verdades rígidas. Da mesma forma que antigamente se confiava majoritariamente na religião como saber regulador da vida, hoje apostamos na ciência, ou, como coloca Berenice Bento, “o pecaminoso foi ressignificado no anormal” (Bento, 2011, p.558).

Embora saibamos que os discursos religiosos sobre as condutas de gênero e as práticas sexuais continuem atuando nas subjetividades e produzindo julgamento, no espaço escolar, no entanto, **é mais “fácil” utilizar os discursos médicos para legitimar a violência**. A censura “Não faça isso! É pecado!” Foi substituída por “isso não é normal! Comporte-se como um/a menino/a!” (Bento, 2011, p.558).

Quando pensamos em medicina, na visão do senso comum, associamos diretamente com a ideia de cura, de cuidado, de tutela e de verdade. A questão é que existem patologias que foram criadas e ligadas a alguns corpos justamente pelo fato da medicina decidir curá-los – assim como adoecimentos estruturais também foram produzidos como efeito da reiteração das definições entre normal e patológico. Esse fenômeno é causado, principalmente, pela resistência da ciência

em se situar e pensar criticamente sobre quem produz os conhecimentos e quais são as relações de poder envolvidas.

A medicina é um sistema de saúde que se desenvolveu inicialmente na Europa e se expandiu globalmente através da colonização, trata-se de uma área de conhecimento e uma profissão constituída por um conjunto específico de pessoas ao longo do tempo. Dito isso, é importante lembrar que “a medicina” não é uma entidade amorfa-invisível-espectral. Ela tem corpo – e esse corpo, do ponto de vista das estruturas de desigualdades sociais, é branco. Historicamente, esse corpo também é masculino, europeu, heterossexual, endossexual e cisgênero. Nas últimas décadas, no Brasil, podemos observar algumas mudanças no perfil de quem pratica medicina<sup>22</sup> no que se refere ao gênero, no entanto as mudanças no quesito raça ainda são incipientes. Assim, torna-se evidente que a medicina ocidental é estruturalmente constituída e sustentada pela branquitude e pela cishnorma. E, como tal, atua também como um dispositivo legitimador desses discursos. Tiago Heliodoro Nascimento explora essa temática no contexto brasileiro, na sua tese de doutorado intitulada “Entre a medicina e a branquitude”, na qual reforça a afirmação anterior quando coloca que

**O saber médico não é tomado aqui apenas como “um lugar” de promoção da saúde, mas um lugar de promoção e legitimação da branquitude.** Em um contexto em que a branquitude perde parte de sua proteção jurídica, na medida em que saem da condição de “escravos” milhões de pessoas negras descendentes das mais diversas nações africanas, em que a cor da pele deixa de estabelecer uma hierarquia racial “de direito”, a preocupação e o controle da saúde da população atualizaram as dicotomias raciais preenchendo suas colunas com outros significados e práticas (Nascimento, 2022, p.77 ).

Nascimento nos mostra como as lutas da ciência médica pelo monopólio do saber sobre a saúde e a doença no Brasil foram contemporâneas ao declínio do regime escravista e à implantação da república. Nesse sentido, “totalmente atrelada

---

<sup>22</sup> Fonte: “Demografia Médica no Brasil 2023”, conduzido pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) que buscou descrever as características dos estudantes ingressantes no curso de graduação em medicina no Brasil, assim como a evolução do perfil dos alunos no período de 2010 a 2019. Segundo o estudo, o estudante de medicina no Brasil é majoritariamente branco (69,7% em 2019), do gênero feminino (60%), com idade entre 19 e 24 anos, faz a graduação em instituições privadas e cursou o ensino médio também em escolas particulares. Cada vez mais negros cursam a graduação de medicina no Brasil. No entanto, em termos percentuais, considerando o total de estudantes, não houve alteração ao longo de uma década na proporção de alunos autodeclarados pretos e pardos.

à história do racismo no Brasil, a história da medicina no Brasil não pode deixar de contar uma certa história da branquitude no Brasil” (Nascimento, 2022, p.53).

Sempre que olhamos para aquilo que está acontecendo no mundo, não podemos esquecer a história que nos trouxe até aqui. A história nos dá contexto, mas também é importante lembrar que **os poderosos preferem contar a história de modo a preservar e consolidar o poder que têm** (Joukhadar, 2020, entrevista à TAG.).

Vê-se, por isso, que não existe neutralidade científica porque as pessoas que produzem esses saberes estão totalmente inseridas em um contexto histórico-cultural e por isso, seus desejos, escolhas e análises variam conforme a época, o lugar social, o território, a cultura e por aí vai. É o reconhecimento desse contexto, e não seu apagamento, que possibilita a condição necessária para a objetividade. Assim como nas religiões, a medicina também está sujeita a mudanças de interpretação: verdades caem por terra e novas são criadas para ocupar o seu lugar. Contudo, sua posição situada não a impede de se autorizar a definir o que é ou não natural/normal. A definição do normal sempre estará de acordo com os corpos amparados pelas relações de poder, ou seja, se “inventa também o corpo, a classe, a moral e as expectativas de comportamento ideais para a sociedade tendo o branco como referência” (Nascimento, 2022, p.88). Podemos incluir nos ideais da branquitude todo o pacote colonial de dominação de gênero. De acordo com Favero (2022, p.95): “A introjeção da diferença sexual capitalística produz um simbólico antiqueer, antipobre, antimulher, antinegro, antigordo.”

Mesmo quando a medicina ensaia movimentos menos patologizantes e que buscam promover o bem-estar a determinadas populações que, até pouco tempo, nem eram vistas como dignas de serem cuidadas, acaba por produzir novos sofrimentos. Ao não se deslocar da posição de saber e não ouvir os significados de saúde dos próprios grupos aos quais pretende atender, trabalha no sentido oposto da co-produção de cuidado. Quando produz discursos *sobre* a população e não *com* a população corre o risco de atender apenas às demandas neoliberais – de captura das vidas para a produção de lucro. Pois, a ausência de um projeto emancipatório na elaboração desses processos de cuidado promove a cristalização das identidades – e conseqüentemente, também, a mercantilização do sofrimento.

A eficácia desse discurso está em produzir nos sujeitos a incômoda e terrível certeza de que ele não é normal e de que, se ele se sente fora do

lugar, é porque não existe lugar para ele. Há um processo incessante de produção de anormalidade. Ao problematizar a visão patologizante das identidades, terminamos por encontrar as normas de gênero. **As reivindicações de identidades que exigem direitos são o desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece que a inteligibilidade dos gêneros está no corpo.** Dois corpos, dois gêneros, uma sexualidade. Nessa perspectiva binária, o masculino e o feminino seriam a expressão ou formulação cultural da diferença natural dos sexos. Ao localizar nas instituições a explicação para a gênese das experiências identitárias, inverte a lógica: são as normas de gênero que possibilitam a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas (Bento, 2011, p.558).

Um dos objetivos desta escrita é colaborar na desnaturalização da diferença sexual, com o intuito de contribuir na despatologização das vidas de pessoas trans, não binárias, intersexo, lésbicas, gays, bissexuais. Importante ressaltar que desnaturalizar essa diferença não é o mesmo que dizer que todos os “sexos” são iguais e flertar com o modelo monossexual do século XVII<sup>23</sup>. Significa reconhecer que a classificação dessa categoria a partir de uma lógica binária e complementar foi - e continua sendo - um arranjo complexo e contextualmente marcado, envolvendo muitas entidades e agenciamentos. Ou seja, para além de problematizar a dicotomia natureza/cultura, insistir que a diferença sexual não é algo ‘natural’ significa compreender que aquilo que no senso comum entendemos como ‘sexo biológico’ é, também, uma história inventada.

O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, **nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo** (Fausto-Sterling, 2000, p.19).

Mas como, quando e por que essa história foi inventada? Algumas pesquisadoras e pesquisadores<sup>24</sup>, apontam que a construção científica acerca das diferenças sexuais entre os corpos surgiu na intenção de fornecer uma justificativa naturalista para a dominação dos homens sobre as mulheres. Antes do século XVIII,

---

<sup>23</sup> De acordo com Laqueur (2001), no modelo monossexual masculino, a anatomia feminina era interpretada como uma versão inferior do sexo masculino. Os ovários eram entendidos como os testículos que não receberam calor suficiente para saírem para fora e a vagina era como se fosse o pênis virado do avesso – não à toa recebe esse nome cuja origem em latim significa “bainha”, ou seja, a capa de uma espada.

<sup>24</sup> Como Anne Fausto-Sterling e Thomas Laqueur, referenciados nesse trabalho.

na europa, o corpo sexuado era pensado a partir de um esquema de semelhanças. O modelo do sexo único era uma história que explicava biologicamente como a mulher era, na verdade, um homem imperfeito – compartilhavam o mesmo corpo em essência, mas devido a falta de calor, de vitalidade, se desenvolviam como “apenas” mulheres: seres inferiores aos homens. No momento histórico em que o feminismo se fortalece e os questionamentos a respeito da hierarquia política entre homens e mulheres se tornam socialmente relevantes, representando um risco para o patriarcado, inventa-se uma nova estética da diferença sexual. Ou seja, as “descobertas” sobre a diferença sexual, que resultaram no modelo binário, são apenas uma atualização da história que faz manutenção da dominação masculina.

O contexto para a articulação de dois sexos incomensuráveis não era nem uma teoria de conhecimento nem avanços nos conhecimentos científicos. O contexto era político. Havia intermináveis lutas pelo poder e posição na esfera pública, altamente amplificada no século XVIII, e em especial no século XIX pós-revolucionário: entre homens e mulheres, entre feministas e antifeministas. **Quando, por várias razões, a ordem transcendental preexistente ou os costumes de tempos imemoriais tornaram-se cada vez menos uma justificativa plausível para as relações sociais, o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico.** A anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicações em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais ou eróticos. (...) Qualquer que fosse o assunto, o corpo tornou-se o ponto decisivo (Laqueur, 2001, pg. 192).

Com isso, fica evidente como a produção de um discurso científico sobre a diferença sexual na verdade foi uma estratégia para calar as demandas coletivas por equidade de gênero. Foi uma história que investiu na separação entre natureza e cultura para fundamentar os valores sociais dominantes da época. Serviu basicamente como um carteaço: pode-se questionar a cultura mas não a natureza. Como se falassem “não somos nós que estamos dizendo isso, é a natureza – já está ali, é um fato”.

Todas as formas complexas onde as semelhanças entre corpos, e entre corpos e cosmo, confirmavam uma ordem de um mundo hierárquico, foram reduzidas a um único plano: a natureza. No mundo da explicação reducionista o que importava era o fundamento simples, horizontal e imóvel do fato físico: o sexo (Laqueur, 2001, p.191).

Thomas Laqueur em seu livro "Inventando o Sexo" retoma algumas ideias existentes acerca do funcionamento sexual do homem e da mulher na época do iluminismo e discorre sobre como a presença ou ausência do orgasmo se tornou um marco do paradigma da diferença sexual (Laqueur, 2001). O autor explica como a descoberta que, para engravidar, não é necessário que a mulher tenha um orgasmo contribuiu na desvalorização social do prazer feminino – tendo como consequência a exaltação de um sexo baseado na penetração pra reprodução. Colaborando para consolidar o imaginário coletivo de que as mulheres gostam menos de sexo. Esse fato exemplifica como os saberes científicos muitas vezes são produzidos para sustentar ideologias dominantes, uma amostra de que "o sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder" (Laqueur, 2001, p.23).

Assim, podemos compreender como, para o campo científico, o corpo sexuado orbita em torno da importância da reprodução – pois nesse modelo, um corpo "saudável" deve ser capaz de se reproduzir. Dentro dessa lógica, qualquer relação que não tenha como fim esse propósito passa a ser considerada anormal. Reiterando como ideal o modelo de relação cisheterossexual, onde homens para serem considerados normais devem ter um pênis "penetrante" e mulheres vaginas "penetráveis" e úteros "gestantes". Consequentemente, um corpo que não corresponde à performance<sup>25</sup> de sexo-gênero dele esperada, ou que não segue à risca as normas cisheterossexuais, passa a ser lido como um corpo não-normal - e, portanto, passível de ser "consertado".

Todos os esforços estariam direcionados para criar como menino ou menina uma criança fisicamente adequada ao gênero designado, com o objetivo final de se obter indivíduos bem ajustados, heterossexuais, com aderência ao tratamento hormonal, com uma boa relação familiar e que, preferencialmente, ignorassem sua condição anterior de intersexo (Spinola-Castro, 2005, p.49).

Então, quando falamos sobre sexo físico, biológico, a que estamos nos referindo? Será que pensamos na mesma coisa? Para a biologia, o sexo se refere

---

<sup>25</sup> Utilizo aqui o termo *performance* alinhado com a definição feita por Judith Butler, no seu livro "Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade". Para Butler (2015), o gênero é uma performance que pode acontecer em qualquer corpo. Para ela, a identidade de gênero não é anterior às expressões de gênero, mas sim produzida pela repetição das normas – através de gestos, movimentos e estilizações dos corpos. A autora pensa essa montagem de expressões como uma performance.

às características físicas, fisiológicas e anatômicas que diferenciam os indivíduos em machos e fêmeas dentro de uma espécie. Essas características incluem os órgãos reprodutivos, os cromossomos sexuais XX ou XY, os níveis hormonais e as características sexuais secundárias. Dizem por aí que nós humanos somos categorizados como homens ou mulheres a partir da combinação “coerente” dessas categorias. No entanto, pergunto a quem estiver lendo: quantas vezes vocês fizeram um teste molecular para confirmar seus cromossomos? Ou então, vocês sabem sua relação hormonal? Quando um bebê nasce, é feito algum exame de imagem para visualizar seus órgãos internos? Imagino que a resposta seja não, o que significa que, antes mesmo de você nascer, alguém olhou o tamanho do seu possível pênis em uma tela e decidiu que no futuro você aprenderia a jogar futebol ou então, seria uma ótima mãe.

O que acontece é que se assume erroneamente que essa combinação entre cromossomos, hormônios, genitálias e gônadas é sempre a mesma: linear e coerente com o ideal binário. Todavia, existem mais de quarenta possibilidades de combinação dessas características e as pessoas que possuem arranjos que não correspondem às normas médicas da divisão masculino-feminino são denominadas como intersexo. No entanto, dentro da lógica de categorização médica, atualmente, essas variações são chamadas de ADS (Anomalias do Desenvolvimento Sexual)<sup>26</sup>. Paula Sandrine Machado<sup>27</sup>, em seu artigo “Intersexualidade e o consenso de “Chicago”, as vicissitudes da nomenclatura e suas implicações regulatórias” (2008, p.110 ), traz que

é preciso salientar que médicos e movimento político não definem “intersexualidade” de maneira idêntica. Os grupos de ativismo intersex normalmente oferecem outras definições para o termo, por meio das quais buscam contestar a ideia de patologização da intersexualidade, assim como aumentar as possibilidades do que é possível de ser incluído no termo para além das definições médicas (Machado, 2008, p. 110).

Segundo a Associação Brasileira Intersexo (ABRAI),

---

<sup>26</sup> Nas resoluções do Consenso de Chicago, fica decidida a substituição do termo intersexo por desordem da diferenciação sexual (DDS), já a Resolução 1664/03 do CFM, opta por anomalia da diferenciação sexual (ADS), pois, para os presentes, “intersexo denota um sexo intermediário ou um terceiro sexo, o que não é adequado para os pacientes.” (Damiani e Guerra-Júnior, 2007).

<sup>27</sup> Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul cujas pesquisas são voltadas para os temas de gêneros, sexualidades, corpo, intersexualidades, transexualidades, processos de medicalização, estudos da ciência e da tecnologia e que, não por coincidência, é orientadora deste TCC.

Na sociedade ocidental, a intersexualidade vem à tona por meio do discurso biomédico, sendo considerada, por diversas áreas da medicina, como consequência de uma desordem orgânica ou doença em si. Os saberes de saúde legitimam o Intersexo como patologia e destinam seus esforços ao diagnóstico e tratamento precoce. Por décadas, disseminou-se a visão da intersexualidade como situação de emergência médica, por a considerar como emergência pediátrica no recém-nascido ou como emergência psicossocial ao afetar a família e a saúde psicológica da criança (fonte: site ABRAI<sup>28</sup>).

Por meio disto, vemos que a própria medicina, ao desenvolver novas tecnologias, comprova que os organismos transcendem a classificação pautada na divisão linear entre masculino/ feminino. Tanto que, para continuar interpretando os corpos dentro desse raciocínio, foi preciso criar uma terceira categoria que comportasse todos aqueles que revelassem a insuficiência desse sistema classificatório. "Em vez de mudar a epistemologia, eles decidem modificar os corpos, normalizar as sexualidades, retificar as identificações" (Preciado, 2022, p. 67). A criação de um lugar patológico para acomodar as vidas que não legitimam o sistema binário-oposicional-complementar-linear de sexo/gênero é condição necessária para a manutenção do paradigma da diferença sexual. Logo, podemos concluir, que a binariedade da categoria sexo é uma escolha epistêmica. Sendo assim, por que não questionar um campo de conhecimento que, ao se deparar com a diversidade, escolhe aniquilá-la ou invés de rever seus próprios preceitos?

Do ponto de vista dos praticantes da medicina, o progresso no manejo da intersexualidade envolve a manutenção do normal. Consequentemente, deve haver só dois escaninhos: macho e fêmea. O conhecimento desenvolvido pelas disciplinas médicas dá aos médicos o poder de sustentarem uma mitologia do normal, alterando o corpo intersexual para ajustá-lo, tanto quanto possível, a um dos dois escaninhos (Fausto-Sterling, 2000, p.27).

O discurso médico, que prega a normalização, é responsável por realizar tantas cirurgias em bebês recém nascidos - na tentativa de "adequar" seus corpos para o futuro - que acaba gerando inúmeros sofrimentos e complicações pós cirúrgicas a ponto de, eventualmente, até cortar qualquer possibilidade de sensação de prazer com o próprio corpo. O documentário chamado "Not a girl, Not a boy" conta a vida de uma pessoa ativista intersexo que luta pela garantia dos direitos das

---

<sup>28</sup> Disponível em <https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/definicao-de-intersexo/>

crianças intersexo de poder escolher quando adultas, se desejam ou não, realizar procedimentos cirúrgicos. Nesse documentário, o ativista francês Vincent Guillot narra a história de sua vida e comenta sobre as mais de dez cirurgias que realizou desde seu nascimento. Em seguida, conta detalhadamente várias complicações que sente atualmente – como dores, sensação de choques e lesões neurológicas – devido a normalização compulsória pela qual teve que passar já que não teve direito de escolha.

Vincent Guillot problematiza a necessidade da criação de uma lei específica que proíba intervenções em bebês e crianças que não correm risco de vida visto que a simples ética profissional médica já deveria proteger os direitos dos indivíduos. Fala que isso ocorre devido a existência de uma Ética do Monstro. Nas suas próprias palavras

(...) bastaria lembrar isso para que essas práticas fossem proibidas e para que o Estado parasse de as financiar, mas estamos naquilo que chamamos de ética do monstro. Se a pessoa tem um corpo que não é conforme à expectativa social, é um corpo que está fora da lei, no sentido em que não se aplicam as leis que protegem os corpos. Se estes corpos fossem considerados como parte da espécie humana, o conjunto legislativo seria suficiente para os proteger (Guillot, 2017)<sup>29</sup>.

A ideia de uma monstruosidade que habita o corpo marginalizado não é novidade. Pelo contrário, existe desde civilizações antigas, assim como o imaginário coletivo sobre as figuras dos monstros – a eles resta a morte matada ou o isolamento. Em sua fala, Guillot nos dá um exemplo de como essa monstrificação se materializa na vida das pessoas intersexo. Porém, essa ética do monstro se aplica, de modos distintos, a todos os corpos que desviam dos ideais cisheteronormativos e/ou que são atravessados pelo racismo, pelo capacitismo, classicismo, etc. Considerando o foco dessa escrita, podemos concluir, como é relevante e urgente tomar o paradigma da diferença sexual como um problema central na produção de sofrimentos na atualidade. Pois “o modo como o corpo se relaciona com essas regras o expõe mais ou menos à abjeção”, como coloca Sofia Favero, “monstro é aquele que indaga às certezas do que se acostumou chamar de “pilares fundamentais da pessoidade”” (Favero, 2022, p.95).

---

<sup>29</sup>Vincent Guillot em entrevista para o Jornal Público, disponível em <https://www.publico.pt/2017/12/17/sociedade/entrevista/nao-era-um-rapaz-nao-era-uma-rapariga-nao-tinha-existencia-neste-mundo-1796275>

Assim, as informações aqui reunidas sustentam o argumento de que corresponder às normas do paradigma da diferença sexual é uma das condições fundamentais para que o ser da espécie humana alcance o status de pessoa – e portanto seja um sujeito repleto de direitos. Como se pessoas trans, travestis, não-binárias, intersexo, lésbicas, gays, bissexuais e outras identidades sexuais dissidentes experimentassem “algo de errado no tornar-se parte do significante “gente”, passando a responder a sanções médicas, jurídicas e pedagógicas” (Favero, 2022, p.146). Tornando-se alvo da biopolítica e necropolítica do Estado e conseqüentemente sendo barradas do pleno exercício da cidadania. Como bem coloca Berenice Bento:

É a patologização das identidades distribuindo humanidade, proferindo sentenças e castigos aos que ousaram romper a lei. É o (cis)heteroterrorismo em pleno processo de funcionamento, interiorizado, reproduzindo-se com toda eficácia. Os divergentes sexuais e de gênero só poderão existir em espaços apropriados, nos compêndios do saber médico e nos espaços confessionais das clínicas. Lá os encontraremos, todos hierarquizados, classificados e especificados (Bento, 2011, p.557)

## 6. EXERCÍCIO FABULATIVO

### 6.1 Assumindo a Cilada como Território-Existencial

Vz Vz Vz Vz Vz Vz Vz Vz

*A-cilada-é-nossa-casa, é-morada-no-tempo-espaço > território-vacilante*

---

*quando-tu-sintoniza-com-a-frequência-da-cilada-que-vibra-em-toda-bic  
harada-tu-é-tu-mas-também-são-todas-vidas-que-te-fazem-ser.*

Vz Vz Vz Vz Vz Vz Vz Vz

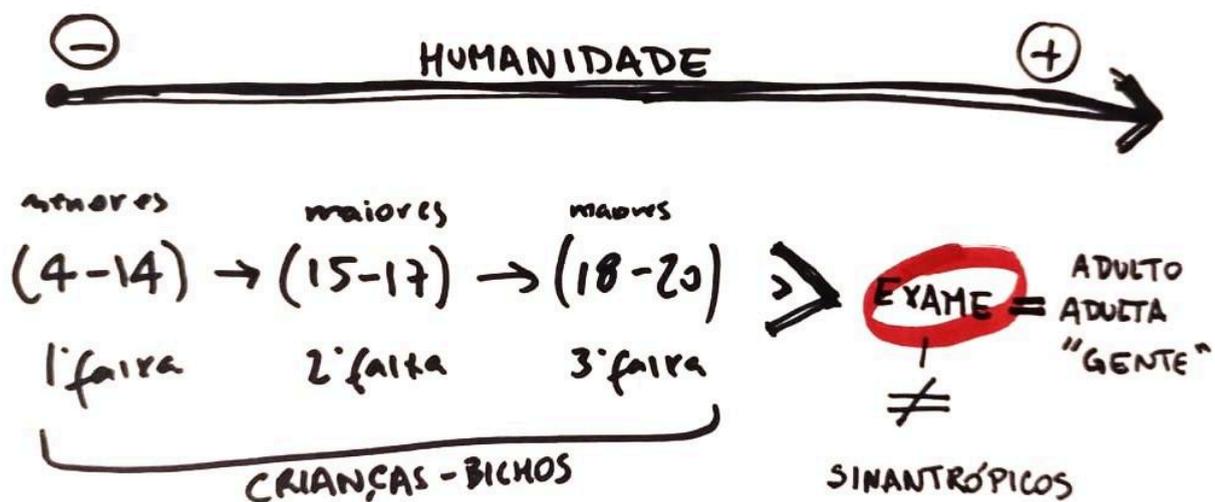
Em um tempo *logo ali*, quando todos os animais já tinham desaparecido há mais de um século, um grupo de crianças aguardava no corredor da escola preparatória. Peixe-menor estava no seu primeiro dia de aula e sentia muita ansiedade. Afinal, não fazia ideia de como eram os famosos CTGs (Centros de Treinamento de Gênero). Até então, havia escutado apenas rumores *estranhos*. As crianças-menores, aquelas da primeira faixa de distribuição (dos 4 aos 14), tinham contato apenas com colegas que também estavam na pré-escola. No momento que fechavam 15 anos eram transferidas para o CTG da região e proibidas de se relacionar com a turma antiga. Essa organização tornava o processo de mudança muito solitário. Peixe-menor gostaria de ter as amigas consigo, mas teria que aguardar o aniversário de cada uma. Para sua sorte, Tainha completava a idade daqui duas semanas. Mal podia esperar. Enquanto calculava mentalmente os dias para ver a amizade-Tainha, ouviu um chamado alto:

– Todas as crianças-maiores podem seguir normalmente para suas salas! Peço que as menores venham comigo para apresentar os dormitórios para as recém chegadas!

Silenciosamente, a maioria do grupo seguiu em frente até a escadaria principal. Observava as cabeças desaparecendo, na medida em que desciam pela escada, quando uma delas se virou rapidamente e por questão de segundos seus olhares se tocaram. Sentiu uma sensação de familiaridade, embora não fosse alguém que conhecesse. O silêncio desse novo ambiente também era algo que chamava atenção de Peixe-menor. *Bem diferente da pré-escola...todo mundo aqui se movimenta de um jeito tão comportado?* Já sentia seu corpo tenso, como se estivesse se afetando pela postura esquisita daquelas pessoas. Excessivamente consciente da rigidez de seus músculos, seguiu com as outras crianças-menores em direção aos dormitórios.

Nos distritos, todas as crianças-bichos passam por três etapas do desenvolvimento. A pré-escola (4 aos 14) é a primeira, quem está nesse nível é classificade como criança-menor. A segunda etapa é o momento preparatório (15 aos 17), é quando as crianças-bichos iniciam os treinamentos de gênero e passam a ser referidas como crianças-maiores. Para então, na terceira e última etapa (18

aos 20), passam pelo Exame teórico e prático. Esse momento é chamado de Puberdade, são dois anos em que as crianças-maiores convivem fora dos CTGs, mas ainda sem ter contato direto com humanas ou humanos. Sempre que uma criança alcança idade para trocar de faixa, deixa de conviver com as da faixa anterior até que, eventualmente, quando passar no Exame, sai dos distritos-deca para nunca mais voltar. Nesse tempo *logo ali*, é crime voltar para trás e a vida é organizada em etapas crescentes bem delimitadas. Desde a Grande Proibição Mundial de 1921, quando o gênero passou a ser plenamente proibido na infância, as crianças começaram a ser criadas separadas da sociedade humana. O DECA (Divisão Especial da Criança e Adolescente) passou a ser responsável pela administração dos distritos-deca, um conjunto de pequenos centros urbanos isolados que garantiam a proteção, a criação e o treinamento das crianças-bicho.



As crianças-bicho são assim chamadas por conta do sistema de nomes. Para resolver o problema da binariedade presente em determinadas línguas, muitos países escolheram usar outros conjuntos temáticos para nomear seus seres-menores. Aqui no Brasil, o DECA escolheu – talvez para dar destino à uma memória nostálgica – utilizar a nomenclatura dos animais (apenas das espécies cujo nome não é um substantivo biforme). Dessa forma, apenas os substantivos epicenos, que não tem flexão de gênero, estão disponíveis para uso. De modo que quando uma criança se chama Peixe, Tainha, Zebra, Suricate, Cobra, Ouriço-do-mar, por exemplo, não há o risco de expor as crianças aos gêneros antes

do momento adequado – como é o caso de animais como cachorro (cadela), Leão (Leão), Vaca (Touro) e por aí vai. Quando um bebê nasce, a família compra seu nome-de-bicho. Como o sistema de nomes tem uma limitação no número de opções, foram estabelecidos valores a partir da procura por cada classe de animais. Assim, os mamíferos são os nomes mais caros, em seguida as aves, os répteis, os anfíbios e por fim os peixes. Para além de garantir um nome menos repetido entre as crianças-bicho, a compra garante acesso aos melhores CTGs, que possuem a maior taxa de aprovação no Exame. As crias das famílias que não podem comprar um nome-de-bicho, recebem o nome das próprias classes de animais. Peixe é, por tanto, o nome mais comum de todos, pois não chega nem a ser um tipo específico. Nesta história, Peixe-menor é um exemplo disso.

Treinar em um bom CTG é de extrema importância porque ser aprovado no Exame e adquirir um gênero é a condição de cidadania – é o que garante o status de adulto-gente ou adulta-gente. Assim que as crianças-maiores são aprovadas, recebem seu nome-de-gente e passam a viver na sociedade humana. São obrigadas a abandonar seu nome-de-bicho e nunca mais podem utilizá-lo, viram nomes-mortos. Podem tentar passar no Exame quantas vezes quiserem no período de 2 anos, entre os 18 e os 20, mas a cada tentativa o nível de dificuldade é aumentado. Talvez por isso, um dos grandes problemas sociais da atualidade, são os chamados seres-sinantrópicos. Sinantrópicos são todas aquelas crianças-bichos que fracassam no Exame. Ou então aquelas *piores*, que se recusam a fazer a prova e deixam passar o tempo da Puberdade, recusando-se a escolher um dos gêneros para se dedicar. Essas não recebem seus nomes-de-gente e ficam condenadas aos espaços distritais, trabalhando na manutenção do DECA e realizando os serviços mais fastidiosos. No entanto, nas últimas décadas esses seres sinantrópicos estão sumindo repentinamente. *vzvzvzvzv e pronto*. Desaparecem do nada. Em um segundo estão ali, no outro já não mais. O agravamento desse fenômeno tem chamado atenção dos governos, que vem suspeitando da existência de uma organização sinantrópica. Muito dinheiro tem sido investido na caça dos dissidentes dos distritos-deca mas até agora pouco foi descoberto sobre essa hipótese.

Vz Vz Vz Vz Vz Vz Vz

Ao chegar nos dormitórios, Peixe-menor se deparou com muitos objetos estranhos, todos etiquetados com o que devia ser o nome de cada um. Um deles a princípio se chamava “cadeira”. Parecia um esqueleto de quadrúpede, tinha um quadrado na horizontal, quatro pernas e um segundo quadrado levantado na vertical. Na medida em que explorava o espaço encontrava novos objetos desconhecidos, mas a variedade das vestimentas foi o que mais lhe chamou atenção. Uma infinidade de coisas diferentes, tudo com o nome escrito em cima: blusa, camiseta, calça, short, saia, tamanco, tênis, sapato de salto, sapatênis, vestido, regata, meia-calça e Peixe-menor não parava de descobrir novas vestes. *De onde veio aquilo tudo?* Se perguntava. Até então costumava usar apenas a veste chamada *roupa*. As roupas eram todas parecidas, vinham do pé ao pescoço, envolvendo os braços e as pernas, tudo em único tecido e fechavam na frente. Não tinham tantas divisões e cortes esquisitos. Cada criança-bicho tinha o seu kit composto por: roupa-de-frio, roupa-de-calor, roupa-de-banho, roupa-de-esporte e roupa-de-dormir. *Caramba, vai ser muita coisa pra estudar.. e isso é só o primeiro dia.* Nesse instante, a ansiedade de Peixe-menor aumentou – foi quando se deu conta do treinamento árduo que vinha pela frente.

As primeiras duas semanas passaram voando. A cabeça de Peixe – agora já classificado como Peixe-maior – era um turbilhão de informações. Era muita coisa para decorar, não se sentia confortável nas novas roupas e tinha que estudar *até os movimentos do corpo!* Cada dia sentia seu corpo mais duro, ao ponto de ter dificuldades até para fazer coisas básicas como se sentar, comer e caminhar. Era como se estivesse existindo errado. A essa altura já tinha aprendido algumas coisas sobre os gêneros brasileiros. Eram dois: Mulher e homem. E, para se referir a cada tipo deveria mudar a linguagem usando artigos. Igual aos artigos que são usados desde sempre para os objetos, mas agora eram obrigatórios para se referir às mulheres e aos homens. *Tudo muito confuso. Aparentemente um dos dois gêneros – não lembra qual exatamente – é responsável por manter a casa em ordem, cuidar dos idosos e dos doentes. O outro é o que busca o dinheiro e usa as saias longas, opa, saia? não, short? Qual é mesmo o nome daquela calça pela metade cheia de bolsos?* Estava recém no módulo de introdução e já achava difícil acompanhar todo conteúdo. As crianças-maiores, dos anos seguintes, tiravam onda quando Peixe-maior errava coisas que aparentemente eram muito simples. A adaptação aos

CTGs vinha sendo tão cansativa, que nem se deu conta que estava chegando o aniversário da sua amizade-Tainha.

Mal podia esperar para reencontrar Tainha. Por mais que tivesse se aproximado de uma criança-maior chamada Suricate, ainda não tinham tanta intimidade. Além disso, Suricate já sabia muito sobre os gêneros, nunca entenderia sua angústia. Falava até sobre aplicar para outros países! *Imagina, ter que aprender tudo do zero?* Só as melhores crianças-bichos do treinamento faziam isso, normalmente aquelas com nome-de-mamíferos. Era super difícil conseguir a dupla cidadania, mas parece que existem adultas-gente e adultos-gente que tem mais de 10! Para passar nos Exames de outros países, é preciso desaprender tudo que você sabe sobre os gêneros daqui, pois em cada lugar é diferente. Não tem nenhuma correspondência, em alguns países são dois gêneros que nem aqui, mas tem outros que são 3, 6 e até 40. Sem falar onde é parecido mas ao contrário e aí é possível você adquirir o documento de mulher em um lugar e de homem em outro, por exemplo. *Nossa, Tainha vai enlouquecer junto comigo*, achou graça.

Certa manhã, enquanto se dirigia ao ginásio para um treino de movimento corporal, Peixe-maior sentiu a sensação de estar sendo seguido por algo. *vzvzvzvzvzvz*. “Tem alguém aí?” perguntou em voz alta. Mas não obteve resposta. Aguardou uns instantes e sentiu uma mudança no ritmo de seu coração. *vzvzvzvzvzvz*. Olhou ao redor novamente e... nada. *vzvzvzvzvzvz*. Por um instante pensou ter visto..., mas... não, não poderia ser. Decidiu seguir seu rumo, quando de repente deu um salto! Extremamente perto de sua orelha ouviu alguém dizer:

- Oi!
- AH!!! Que isso?
- É um oi.
- Tá... mas de onde você veio?
- Ué, só cheguei aqui.
- Nossa podia jurar que não tinha ninguém perto.
- Dificilmente estamos realmente sós.
- Fale por você.
- Talvez você esteja fora de lugar, apenas.
- Que? Mas onde mais poderia estar?
- Você tem que aprender a encontrar.

Vzvzvzvzvzvzvzvzvzvzv. Antes que pudesse perguntar o nome daquela criança-bicho tão curiosa, já não conseguia mais enxergá-la. Sem entender direito o que tinha acabado de acontecer, Peixe-maior caminhou mais um pouco até a entrada do ginásio. Como sempre, a turma foi dividida em 2 grandes grupos antes de iniciar a aula prática. O tema de hoje era cadeira. Era uma aula importante por ser uma questão básica bem recorrente no Exame. A turma passou quase uma hora aprendendo as formas de se sentar nas cadeiras. Cada posição tinha um nome: perna cruzada tipo homem, perna cruzada tipo mulher, perna fechada, senta direito, perna aberta e por aí vai. As crianças-bicho estavam acostumadas a usar grandes bolas de ginástica como assento, então para as mais novas estava sendo desafiador reaprender do zero algo tão elementar. Mais difícil ainda era entender em qual gênero você é melhor. Peixe-maior percebia que as que já estavam no CTG há mais tempo pareciam mais decididas em relação à escolha de qual gênero iam tentar aplicar – enquanto Peixe-maior não fazia a menor ideia. *Mas era algo muito importante de acertar*, pensou, imagina se escolhesse errado? *Teria que ficar o resto da vida fazendo tudo de uma forma meio errada?* Além disso, também dizem que é muito perigoso quando você não escolhe o gênero no qual você tem mais habilidade. Facilmente pode cometer erros sem nem se dar conta e se alguém perceber... pode te denunciar ou até te agredir! Quanto mais aprendia sobre o mundo fora dos distritos-deca, mais se assustava.

Finalmente, havia chegado o dia do aniversário de Tainha. Ao mesmo tempo que estava feliz em rever sua amizade, também sentia medo de não ser como antes. Mesmo tendo passado pouco tempo no CTG até então, muita coisa havia mudado. Não se sentia da mesma forma, não se mexia da mesma forma e, desde aquele encontro misterioso antes do treino de movimento corporal, Peixe-maior também vinha experienciando sensações confusas. Na primeira vez que isso ocorreu não conseguiu admitir para si, mas como seguiu acontecendo, agora não conseguia mais negar – Por vezes parecia estar vendo *animais*. Sim, animais! Por mais que soubesse que era impossível, já que fazia muito tempo que nenhum era avistado, não conseguia achar outra explicação para aquelas criaturas que invadiam sua visão como um flash e em seguida desapareciam. Mas as sensações confusas iam para além disso. Também sentia cheiros e ouvia sons... Queria muito descobrir o nome da criança-bicho com quem conversou, mas como encontrá-la?

O dia passou extremamente devagar. Já era quase noite e nenhum sinal de Tainha. *Será que confundiu a data?* Peixe-maior se questionou. Hoje as aulas haviam sido bastante teóricas e na sua cabeça pareciam não entrar mais informações. Aprenderam sobre os perigos do sinantropismo e além de medo, sentiu ainda mais ansiedade sobre o Exame. Pensou que deveria se esforçar mais. *Imagina se eu nunca consigo escolher um gênero ou então não consigo aprovação?* As inseguranças aumentavam a cada dia e novos receios tomavam forma. Seu mais novo pânico era virar sinantrópico. *É como se você não existisse existindo. Você vive entre a sociedade, mas não tem cidadania então não pode fazer nada para além de trabalhar nos distritos-deca para, pelo menos, ter o que comer e onde dormir. E agora com essa história de que estavam desaparecendo...* Peixe-maior criou a hipótese de que talvez os sinantrópicos se tornassem tão invisíveis para os adultos-gente e as adultas-gente que uma hora simplesmente deixavam de existir. *Puff e deu, viravam vento.*

Mais duas semanas se passaram. Revirava-se na cama quando ouviu barulho alto. CRRCR!! Tentou ignorar mas não conseguiu. CRRCRRCRRCRRCRRCR! Estava ainda mais alto! No entanto, ninguém ao seu redor acordou. As crianças-bichos todas dormiam profundamente. Com cautela, Peixe-maior levantou-se da cama, vestiu sua sandália tipo rasteirinha – que vinha treinando essa semana — e caminhou em direção ao pátio. Vzrvzvzvzvzvzvzvzv. Lá estava. Em cima da mureta do refeitório, esperava de pé, a criança misteriosa. Peixe-maior sentiu alívio e raiva. Alívio porque talvez agora conseguisse uma resposta para o que vinha sentindo e raiva, porque de algum modo pensava que aquela criança era a culpada. Seguiu caminhando e quando chegou perto suficiente para sussurrar, por fim, perguntou:

- Quem é você? E o que fez comigo?
- Pode me chamar de Pinaúna.
- E o que você está fazendo comigo?
- Eu não estou fazendo nada. Me parece que você está fazendo algo junto com nós.
- Nós?
- Sim, todos nós.
- Todos nós quem?

- Ué, olhe ao redor. To-o-o-o-d-o-s-n-ó-o-s, o-o-h!!

Impossível. Não podia acreditar no que sentia. Dezenas de animais espalhados à sua volta. Não... Era um sonho, só podia ser! Não enxergava mais os limites dos distritos-deca. No céu brilhavam milhares de luzes, pontinhos brancos para todos os lados. Peixe-maior estava neste momento a poucos metros de distância de uma variedade de bichos que só conhecia através dos livros de história! *Então os animais ainda existem? Mas como? Indagou a si, com espanto.* Sentia dentro do corpo sensações novas, tão desconhecidas que não podia nomeá-las. Era como se mergulhasse em uma beleza sem fim. Não parava de se fascinar com aquela visão. Os bichos mais incríveis circulavam *exatamente ali*. Galinhas! *Galinhas são completamente magníficas!* Parados junto na mureta agora avistava vários ratos, *lindos!* Voando bem alto conseguia ver o que parecia ser um urubu – *ou uma coruja?* Não importava, aquilo era sensacional. Saguis, passarinhos, capivaras e até um sapo existiam pertinho de Peixe-menor. *Mas como isso era possível? Ainda estava no distrito-deca? Que lugar era esse? Quem era Pinaúna e o que fazia ali? O que estava acontecendo??* Com tantos questionamentos invadindo sua mente, não conseguiu expressar mais do que um singelo “Ba”.

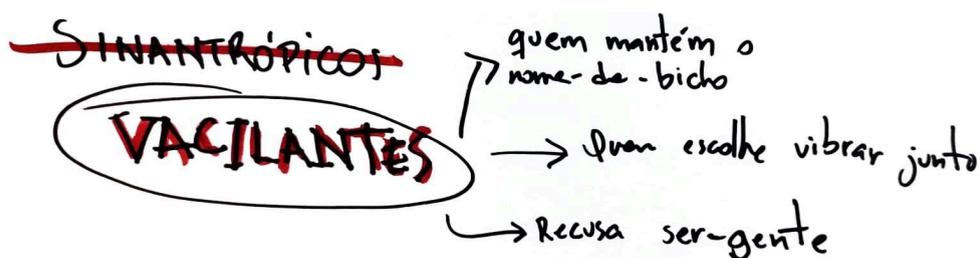
- Seja bem vinde à Cilada!
- a-a-cilab..que?
- Cilada!
- Onde estamos?
- Na verdade é onde *somos*. É assim que escapamos dos distritos-deca e resistimos à política do Exame!
- Espera... quer dizer que você é um... SINANTRÓPICO? (sussurrou alto)
- Sim e não.
- Como assim?
- Essa é uma palavra que os adultos-gente e as adultas-gente usam. Não é a que *nós* usamos.
- *Nós* quem? Você conhece outros sinantrópicos?
- Vacilantes. Esse é nosso nome, Seres Vacilantes.
- Como você consegue entrar e...



demoraram para notar o sumiço dos sinantrópicos. Apenas quando a mão de obra para os serviços ingratos ficou escassa, sua ausência foi levada a sério.

Depois de centenas de anos compartilhando o planeta Terra com a espécie humana, as coisas não iam nada bem para os animais. Muitos dos seus já haviam sido extintos, outros mantinham uma sobrevida nos abatedouros – explorados até morrer. Mesmo os que viviam melhor, livres, nos campos e florestas, não sustentaram a tristeza de acompanhar a morte – cada vez mais rápida – da natureza. A primeira espécie a evoluir foi a dos peixes. Quando a quantidade de plásticos no oceano ultrapassou o número de animais marinhos, todos os bichos do mar se juntaram e começaram a nadar em um grande círculo exaustivamente. Nadaram assim até entrarem em completa sincronia. Nesse momento, sintonizaram pela primeira vez com a Cilada – desaparecendo para sempre do mundo humano. Aos poucos, o resto dos animais também aprenderam a *vacilar*. A aquisição dessa característica evolutiva foi o que garantiu a sobrevivência dos bichos.

Os animais passaram a vibrar em outra frequência, e assim, a Cilada se tornou um refúgio no espaço-tempo. Por ser uma onda cuja qualidade essencial é o constante vacilo de frequência, apenas aqueles que aceitavam a transformação como parte de si, aprendem a vibrar junto com ela. Os humanos nunca a encontram porque ela não ocupa os mesmos lugares. Assim,  $(1\text{-humanos}).\text{hz}$  é a fórmula da subtração humana, a matemática que garante a necessária inconstância – essencial para a preservação da vida. Sempre que uma criança-bicho fracassa no Exame, ela recusa o estatuto de humanidade. Ao manterem seu nome-de-bicho, as crianças dissidentes do sistema de gênero tornam-se aptas a *vacilar*, aprendem a sintonia da Cilada, passando a existir nos mesmos mundos dos animais. As adultas-gente e os adultos-gente que rompem com o pacto humano de olhar sempre para frente, tendo a coragem de voltar atrás, podem lembrar seu nome-de-bicho. E assim – junto com toda bicharada – assumir a cilada como território-existencial.



Na manhã seguinte, Peixe-maior acordou, levantou-se da cama e, com a calma de quem estava vivendo apenas o presente, caminhou lentamente no sentido contrário das outras crianças-bicho. Sabia, mesmo sem saber, aonde deveria ir. Andou em direção aos limites do distrito-deca. Sentia seu corpo inteiro vibrando e, na medida em que se aproximava, o canto dos pássaros ficava mais alto. Fechou os olhos. Quando abriu novamente, Pinaúna caminhava ao seu lado. “Então você aprendeu”, disse dando risada. Peixe-maior assentiu. Não sabia dizer exatamente o que tinha aprendido ou como havia se transformado – sua única certeza era a mudança. Já em passos mais apressados, Pinaúna explicou:

- Toda política de controle de gênero, o Exame e os distritos-deca na verdade foram criados porque os adultos-gente e as adultas-gente têm medo de *vacilar*. Mesmo desconhecendo, temem a Cilada porque não podem controlá-la. É uma onda que vibra em constante oscilação de frequência, só acompanha quem aprende a vibrar junto. Quem abre mão do controle e se permite fluir.
- Quero manter meu nome de bicho, disse Peixe. Quero me juntar à Cilada e viver na frequência dos animais!

Ao beirar os limites do distrito-deca, começou a correr em direção aos grandes muros que garantiam o isolamento das crianças-bicho. Peixe não mais se sentia só. Dessa vez com os olhos abertos, permitiu que todas as sensações tomassem conta de seu corpo e na sua frente, foi-se desenhando um grande horizonte. Os mais diferentes animais compunham a vista de todos os lugares que olhava. Sentiu na pele o prazer de *vacilar* junto com seres tão incríveis. Peixe experimentava o voar dos pássaros, o mergulho das capivaras e os movimentos da preguiça, tudo ao mesmo tempo. Sentia tanta coisa que demorou para perceber que outra criança-vacilante disparava em sua direção. Quando enfim se deu conta, gritou com os pulmões de todos os bugios:

- TAINHA!!!

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que fazer este trabalho desse jeito foi uma cilada por vários motivos. Primeiro, pela forma como me sinto atravessada pelo tema, que me toca em lugares íntimos. Segundo, porque creio ter escolhido uma problemática bastante complexa – para quem não gostaria de se complicar na realização do TCC – assim como uma metodologia que, até então, desconhecia. Terceiro, pela dificuldade que foi unir o problema de pesquisa com esses arranjos metodológicos. E quarto, por ter me disposto à experimentação de uma escrita com a qual não tenho familiaridade e que exigiu um certo nível de coragem para compartilhar algumas loucuras resultantes dos exercícios imaginativos. Na medida em que a proximidade com o tema e o desejo de escrever de determinada forma foram as condições de possibilidade para que a escrita acontecesse, também foram os maiores desafios.

Por fim, fazer este trabalho foi, também, um grande aprendizado. Analisando a cama-de-gato aqui proposta (SF “figura de barbante”), podemos observar linhas que foram mais interessantes que outras, pontos que se amarraram e nós que se desataram. Repensar os limites das histórias que nos constituem enquanto sociedade é um exercício constante para as psicólogas, psicólogos e psicólogues. Independente da área – do institucional, às políticas públicas ou ao setting clínico – não podemos lidar com as subjetividades e as singularidades separadas dos contextos sócio-históricos, das relações de poder e das redes nas quais estão situadas. Nessa profissão, é preciso estar devidamente atento àquilo que naturalizamos e assumir uma posição ética de confronto com normatividade – pois onde ela estiver colocada, também estará presente a produção de violências subjetivas, sofrimentos sociais e necropolíticas.

Com isso, compreendo o paradigma da diferença sexual como um problema do nosso tempo e com o qual, a psicologia deve escolher *ficar*. *Ficar com ele* no sentido de construir políticas públicas que promovam a saúde e garantam os direitos das populações que sofrem com os piores efeitos da cisheteronorma, mas também superar o *modus operandi* do pensamento colonial que acredita ser possível compreender tudo sobre o outro – mesmo quando a intenção é cuidar. Lidar com as consequências da cisheteronormatividade mas, também, questionar como esse regime se mantém. Pois, como colocado no corpo do texto, a ausência de um projeto emancipatório na elaboração desses processos de cuidado promove a

cristalização das identidades – e conseqüentemente, também, a mercantilização do sofrimento. Considerando que somos trabalhadores da saúde em um país onde parcela significativa da população não tem seus direitos básicos garantidos, é essencial que os profissionais da psicologia sejam aptos a trabalhar no sentido da garantia de direitos sociais. Afinal, se não for assim, nossa prática fica a serviço de quê?

A divisão do mundo baseada na dupla sexo-gênero é um paradigma.

Esse paradigma é tão forte porque:

- (1) Ele cria a ilusão de ser natural;
- (2) Um conjunto de dispositivos atuam fazendo a manutenção dele como *verdade*;
- (3) Está alinhado com os interesses do capitalismo.

Esse paradigma precisa ser derrubado, entre outras razões, porque:

- (1) Está alinhado com os interesses do capitalismo;
- (2) É um artefato da colonialidade;
- (3) Produz violência contra a população LGBTI+ (mas não apenas).

Sendo assim, para além de aprender a reconhecer os limites da nossa escuta, é preciso desenvolver um pensamento crítico em relação aos limites das histórias que organizam nosso mundo. Como derrubamos paradigmas e multiplicamos naturezas, mundos nos quais viver? Quais parcerias podemos estabelecer nesse desafio? Acredito que a imaginação e a criatividade ainda são as nossas tecnologias mais poderosas, não necessariamente para pensar soluções, mas, para *ficar com o problema* e assumir uma postura ética de *responsabilidade* nas redes de relações nas quais fazemos parte, como especula Donna Haraway (2023). Não existe uma resposta simples, ou uma resolução para a binariedade de gênero tão profundamente enraizada na nossa sociedade. Ficar com esse problema é, portanto, uma grande cilada. Mas, se aprendemos algo com a história de Peixe, para devir-junto temos que assumir a cilada como território-existencial.

## 8. REFERÊNCIAS

ABRAI, Associação Brasileira Intersexo. **O que é ser intersexo?** Site - ABRAI, consultado em 03/01/2024: <https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/definicao-de-intersexo/>

BENTO, Berenice. **Na escola que se aprende que a diferença faz a diferença.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol 19, n 2, maio-agosto/2011

BILGE, Sirma e COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**; tradução Rane Souza. 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

BONTEMPO, Valéria L. **Achille Mbembe: A Noção de Necropolítica.** Sapere aude – Belo Horizonte, v. 11 – n.22, Jul/Dezembro. 2020

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução, Renato Aguiar. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Octavia E. **A Parábola do Semeador** ; tradução Carolina Caires Coelho. – São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

DAMIAMI, Durval e GUERRA-JÚNIOR, Gil. **As novas definições e classificações dos estados intersexuais: O que o consenso de Chicago contribui para o estado da arte?** Arq Bras Endocrinol Metab, 2007.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo.** Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Valter da ponte. Cadernos Pagu (17/18), 2001/02

FAVERO, Sofia. **Psicologia Suja.** - 1.ed. - Salvador, BA: Devires, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (2018). **A invenção da "ideologia de gênero": A emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero.** Rev. psicol. polít. vol.18 no.43 São Paulo set./dez. 2018

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno** ; tradução: Ana Luiza Braga – n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** cadernos pagu (5) 1995: pp. 07-41

HARAWAY, Donna. **SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far.** Ada New Media, issue nº3, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos – Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais** ; tradução Floresta – São Paulo : Fósforo, 2022.

JOUKHADAR, Zeyn. **O mapa de sal e as estrelas - anexo TAG inéditos.** Entrevista com autor. TAG: Porto Alegre, 2020.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o Sexo – Corpo e Gênero dos gregos a Freud.** Tradução Vera Whately. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão** ; traduzido por Susana L. de Alexandria. – 3.ed. – São Paulo: Aleph, 2019.

MACHADO, Paula S. **Intersexualidade e o Consenso de "Chicago" – As vicissitudes da nomenclatura e suas implicações regulatórias.** RBCS – Vol. 23 nº68 outubro, 2008.

ARTE REPORTAGE. **Entre Deux Sexes.** Realizado por Régine, Abadia ; Produzido por Arte France, Arturo Mio, Spirale Production, França 2017. Disponível em youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=R4mPGC-dNbQ&t=488s>

NASCIMENTO, Tiago H. **Entre a medicina e a branquitude: as políticas de ações afirmativas em um ambiente de formação médica em Belo Horizonte.** UFMG, 2022.

PAIVA, Vera L.M.O. **A pesquisa narrativa: uma introdução.** UFMG, 2008.

PRADO, Marco A. M., CORREA, Sonia. **Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero.** Psicologia Política. vol. 18. nº 43. set - dez. 2018

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas** ; tradução Carla Rodrigues – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Un apartamento en Urano - Crónicas del Cruce**. Editorial Anagrama, S.A., 2019.

SCHIAVON, Amanda A. FAVERO, Sofia e MACHADO, Paula S. **A ciência que vigia o berço:Diferentes leituras de “saúde” frente a crianças trans e crianças intersexo**. Vol. 03, N. 09,2020 -<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>

SCHEFFER, M. et al. **Demografia Médica no Brasil 2023**. São Paulo, SP: FMUSP, AMB, 2023.

SILVA E SILVA, Fernando; ARAÚJO, André. **Ficção científica e fabulação maquina**. Deleuze-Guattari, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./2018.

SPINOLA-CASTRO, Angela M. **A Importância dos Aspectos Éticos e Psicológicos na Abordagem do Intersexo**. Arq bras Endocrinol Metab – vol 49 nº1, Fevereiro, 2005.

VERGUEIRO, Viviane **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial**. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade** - 2016. 244